

Universidade Federal de Juiz de Fora

Anna Flávia Rocha e Silva

Correspondentes Internacionais: um diálogo entre culturas

Anna Flávia Rocha e Silva

Correspondentes Internacionais: um diálogo entre culturas

Monografia apresentada à banca examinadora de projetos experimentais como parte dos requisitos para conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo. Orientadora acadêmica: Prof^a Dr^a Iluska Coutinho.

ROCHA E SILVA, Anna Flávia. *Correspondentes Internacionais: Conflitando culturas*, (Monografia apresentada ao departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora) Juiz de Fora: FACOM/UFJF, mar. 2006. 77 fls . (digit.)

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Iluska Coutinho – UFJF – Orientadora

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal - UFJF

Prof. Ricardo Bedendo – UFJF

Examinada em 23-03-2006.
Conceito:

Dedico este projeto a todos que me auxiliaram durante os anos de faculdade, em especial aos meus pais Tadeu e Assunção e aos meus irmãos Rosanna e Rafael.

SINOPSE

Exposição sobre Jornalismo Internacional e correspondentes internacionais. Estudo de caso sobre artigos do jornalista Larry Rohter no *New York Times* sobre o Brasil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. CULTURA	11
2.1. IDENTIDADE CULTURAL	14
2.1.1. Identidade cultural no Brasil	16
2.1.2. Identidade cultural nos EUA	18
2.1.3. Perspectivas da cultura norte-americana	21
3. MÍDIA E DIFUSÃO CULTURAL	25
3.1. Jornalismo internacional e novas tecnologias	28
3.2. Correspondentes internacionais	31
3.3. Correspondentes estrangeiros no Brasil	35
3.4. Correspondentes brasileiros nos Estados Unidos	38
3.4.1. Dificuldades na atividade do correspondente	39
3.4.2. Trabalho do correspondente	42
3.4.3. O olhar sobre a cultura	45
3.4.4. Imagem do Brasil no exterior	48
4. ESTUDO DE CASO – O BRASIL POR LARRY ROHTER	50
5. CONCLUSÃO	72
6. REFERÊNCIAS	75
7. ANEXOS	77

1.0. INTRODUÇÃO

Em geral, o texto de projetos acadêmicos é redigido na terceira pessoa. Entretanto, resolvi escrever esta introdução em primeira pessoa devido ao meu envolvimento durante toda realização deste trabalho. Irei não somente analisar um assunto através de livros e teorias, mas escrever sobre algo que é resultado de minha experiência e acrescenta um pouco mais também na minha formação como jornalista.

Durante quatro meses, realizei um estágio na *Scripps Howard Foundation Wire* – uma agência de notícias em Washington. Nesse período estive em contato com correspondentes internacionais e cobri assuntos de interesse internacional, o que me motivou na escolha do tema desta monografia.

Correspondentes internacionais nos enviam informações diariamente de países os quais conhecemos bem ou nunca ouvimos falar. Um correspondente deve dar conta de cobrir todo um país, região e até mesmo continente. As notícias que recebemos passam pelo crivo e avaliação de um profissional que, muitas vezes, enfrenta dificuldades no país estrangeiro que cobre e deve estar atento a tudo o que possa interessar ao leitor de seu país.

A figura desses jornalistas sempre me fascinou. Eles vão para uma terra que, às vezes, nem conhecem, para mandar as informações mais importantes e de interesse para o seu país. “Como você cobre o que não conhece?”, foi a pergunta que ouvi de muitos, em tom crítico, ao relatar minha experiência como repórter em Washington. Agora, retorno a pergunta, “Então o jornalista é *expert* em todos os assuntos que cobre?” Definitivamente não.

Busquei questionar diversos correspondentes sobre cobertura internacional, em especial aqueles brasileiros que vão para os Estados Unidos – um

dos países que recebe mais jornalistas no mundo. A maioria considera o trabalho do correspondente internacional como o de qualquer outro jornalista que, constantemente, é confrontado com uma pauta da qual não conhece, um tema o qual nunca ouviu falar – isso em qualquer país, editoria e estágio de carreira.

Minha monografia procurou então identificar como a cultura do correspondente internacional pode influenciar sua cobertura. Ainda que o seu trabalho seja objetivo, parto do pressuposto de que é impossível ser totalmente imparcial quando se exerce uma atividade tão subjetiva e complexa como o jornalismo.

Na atividade de um correspondente internacional, toda informação é nova, ou, ao menos, há sempre um obstáculo a ser superado – seja um sotaque mais carregado no idioma que não é o seu, seja uma dificuldade de acesso a fontes importantes, seja o desconhecimento de determinado costume que lhe impede de prosseguir com uma entrevista, seja uma pergunta formulada de um jeito diferente que também provoca uma resposta inesperada.

A relação entre cultura e o trabalho do correspondente internacional é, portanto, fonte de debate. Durante um evento na *National Geographic Society* em Washington, fotógrafos que documentaram seus países e falavam sobre suas fotografias, discutiam a importância do relato jornalístico feito pelo próprio nativo da região. A maioria dos presentes destacou que, só mesmo o nativo pode verdadeiramente conhecer e reportar o fato, por ser ele o que melhor conhece a cultura e particularidades de seu país.

No entanto, um jornalista brasileiro reportando para os chineses, por exemplo, desconhece o seu leitor e poderia omitir aspectos importantes sobre as notícias brasileiras que levariam ao melhor entendimento do leitor oriental.

O correspondente internacional tem então um papel muito importante – ele vê o fato com os olhos de seu leitor. Ele destaca o que é mais importante para ser noticiado ao seu público e pode identificar e explicar aspectos culturais que seus leitores não conhecem e não entendem.

As notícias internacionais, hoje, são reportadas de diversas formas: através de agências de notícias, correspondentes, enviados especiais, *freelancers*. Cada um desses repórteres possui formações próprias e diversas – uns são nativos do país que cobrem; outros não o são, mas já residem no país em que trabalham há muitos anos, onde constituíram família e absorveram cultura. Alguns ainda são jovens repórteres que ficam uma temporada pequena em cada país onde tentam apreender o máximo possível. Existem também os repórteres com longa experiência de vida em diversos países, que recebem o cargo de correspondente internacional como posição de prestígio.

Portanto, as notícias internacionais que lemos, ouvimos, vemos ou acessamos na Internet diariamente, provém de diversas fontes de informação, cada uma com suas experiências e modo próprio de trabalhar.

Buscamos identificar como é feito o trabalho dos correspondentes internacionais brasileiros que vivem nos Estados Unidos, e também a atividade dos correspondentes internacionais estadunidenses aqui. Procuramos analisar como a cobertura dos correspondentes é afetada pela sua cultura e se de fato, existe alguma diferença entre o trabalho desses e dos repórteres em seu próprio país.

Para isso, foram realizadas entrevistas com correspondentes internacionais brasileiros que residem em Washington e Nova Iorque. Além disso, tentamos também entrevistar correspondentes estrangeiros que trabalham no Brasil, porém, não obtivemos resposta. Tentamos entrar em contato com o jornalista do

New York Times, Larry Rohter, já que no estudo de caso, analisamos algumas de suas matérias sobre o Brasil publicadas naquele jornal, mas também não conseguimos fazer contato.

Também foram entrevistados os estudantes de jornalismo estadunidenses como os quais fiz o estágio na *Scripps Howard Foundation Wire*, que deram sua opinião sobre o que constitui a cultura dos Estados Unidos.

Através deste projeto pretendemos conhecer um pouco mais sobre a maneira como o correspondente internacional trabalha e como suas reportagens influenciam a visão dos leitores sobre o país que é destacado.

2.0. CULTURA

Cultura é constantemente associada à sabedoria, educação e, até mesmo, à sofisticação. Sob esse ponto de vista, cultura significa nível social e educacional, sendo atribuída àqueles considerados letrados; apreciadores e conhecedores das artes, ciências e outros campos do conhecimento.

Em “Você tem cultura?”, Roberto da Matta faz uma distinção entre os conceitos de cultura, considerando que o termo também é usado para discriminar – quando os que não têm erudição são considerados “sem cultura”:

Cultura aqui é equivalente a volume de leituras, a controle de informações, a títulos universitários e chega até mesmo a ser confundida com inteligência, como se a habilidade para realizar certas operações mentais e lógicas (que definem de fato a inteligência) fosse algo a ser medido ou arbitrado pelo número de livros que uma pessoa leu, as línguas que pode falar, ou os quadros e pintores que pode, de memória enumerar. (DA MATTA, 1986, p. 122)

De acordo com o conceito antropológico, cultura refere-se à personalidade e à vida social do indivíduo. Nesse contexto, cultura é conceituada como o conjunto de características que estabelecem normas comuns de comportamento, identificando um ser ao grupo:

Para nós, “cultura” não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de “civilização”, mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. (DA MATTA, 1986, p. 123)

A cultura, portanto, estabelece normas básicas de comportamento, mas ela é regulada por um número finito de regras, permitindo diversas variações dentro de uma única cultura. Esse conjunto de regras define como classificamos o mundo. Uma única cultura possui várias formas de atualização e expressão: “Apresentada assim, a cultura parece ser um bom instrumento para compreender as diferenças entre os homens e as sociedades.” Essas diferenças seriam resultado das diversas

configurações ou relações que as sociedades estabelecem no decorrer de suas histórias. (DA MATTA,1986, p.126)

Wendy Griswold apresenta exemplos nos quais a cultura é entendida pelas sociedades. A cultura pode ser analisada como o conjunto de costumes nacionais, atividades consideradas elitistas, eventos de entretenimento, e variações no significado de símbolos ou objetos. Assim, constituem aspectos da cultura, a maneira respeitosa como um executivo japonês recebe um cartão de visitas, o hábito de assistir apresentações de música clássica, a situação cotidiana manifestada numa tira de história em quadrinhos, ou a forma distinta como a classe trabalhadora e a classe alta tratam animais de estimação.

Assim, Griswold define cultura, “Cultura refere-se ao lado expressivo da vida humana, em outras palavras, ao comportamento, objetos, e idéias que podem ser entendidas para expressar, ou para significar alguma outra coisa.”¹ (2003, p. 12)

Roque de Barros Laraia trata cultura como “uma lente através da qual o homem vê o mundo.” (1986, p.74). Segundo ele, “nenhum indivíduo é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura.” (p.82) - ele pode conservar aspectos de sua cultura e também acolher outros costumes culturais, independentemente de sua nacionalidade.

As sociedades estão em constante interação e cada cultura possui sua maneira de funcionar. Se as culturas são entendidas em seus contextos particulares, evitamos conflitos e criação de estereótipos.

Todo sistema cultural tem a sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para outro. Infelizmente, a tendência mais comum é de considerar lógico apenas o próprio sistema e atribuir aos demais um alto grau de irracionalismo. (LARAIA, 1986, p.90).

¹(tradução da autora) Culture refers to the expressive side of human life, in other words, to behavior, objects, and ideas that can be seen to express, or to stand for, something else.

Essa tendência de condenar o diferente como irracional e bárbaro é um fenômeno universal, chamado de etnocentrismo, o qual Laraia define como um fenômeno universal:

O ponto fundamental de referência não é a humanidade, mas o grupo. Daí a reação, ou pelo menos, a estranheza, em relação aos estrangeiros (...) comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais. (LARAIA, 1986, p. 75)

Já Lévi-Strauss afirma que “a diversidade das culturas é de fato no presente, e também de direito no passado, muito maior e mais rica que tudo o que estamos destinados a dela conhecer.” (2000, p. 54) Segundo ele, “duas culturas elaboradas por homens pertencentes a uma mesma raça podem diferir tanto ou mais que duas culturas provenientes de grupos racialmente afastados.” (p.54)

As culturas não se diferem do mesmo modo. Para Lévi-Strauss as sociedades humanas nunca se encontram isoladas e o contato entre elas provoca estranhamentos e desejos de oposição:

É na própria medida em que pretendemos estabelecer uma discriminação entre as culturas e os costumes, que nos identificamos mais completamente com aqueles que tentamos negar. Recusando a humanidade àqueles que surgem como os mais “selvagens” ou “bárbaros” dos seus representantes, mais não fazemos que copiar-lhes as suas atitudes típicas. O bárbaro é em primeiro lugar o homem que crê na barbárie. (2000, p. 60)

Tanto na negação ou aceitação de novos costumes, é no contato com outras culturas que as sociedades reafirmam ou modificam sua própria cultura na construção de sua identidade.

2.1. Identidade cultural

Na descoberta de novos hábitos, o indivíduo revê, e reafirma ou modifica sua cultura original, identificando-se ou estranhando uma dada cultura. Lévi-Strauss afirma que todo o processo cultural é função de uma coligação entre as culturas:

Esta coligação consiste em pôr em comum (consciente ou inconsciente, voluntário ou involuntário, intencional ou acidental, procurado ou obrigado) das possibilidades que cada cultura encontra no seu desenvolvimento histórico; finalmente admitimos que esta coligação era tanto mais fecunda quanto se estabelecia entre culturas mais diversificadas. (2000, p. 91)

Manuel Parés i Maicas caracteriza a identidade cultural como o sentimento de pertencer a uma sociedade, relacionada com a reafirmação das raízes. Segundo ele, as características que definem a identidade cultural diferem em cada comunidade, ainda que estas sejam partes da mesma nação. A identificação com um grupo pode ocorrer de acordo com características como etnia, língua, religião, compartilhamento de um território, classe social, entre outras. A identidade cultural está sujeita às mudanças advindas do contato com outras culturas e outras influências externas:

A identidade cultural sempre leva implícita em si a idéia de alteridade, e de relação com o outro, a par do sentido de pertencimento ao que consideramos que nos é próprio. Não podemos concebê-la como algo estático, senão como uma obra, um fenômeno mutante.² (MAICAS, 1996, p. 19)

Mas esse contato entre diversas culturas, ao mesmo tempo em que reforça a cultura originária, também ressalta a identidade como efêmera. Stuart Hall explica que as sociedades modernas estão em mudança constante e nesse contexto, as sujeitas também assume identidades distintas, “variáveis”, “provisórias” e “problemáticas”, dependendo do momento:

² (tradução da autora) La identidad cultural siempre lleva implícita em si la idea de alteridad, y de relación com el otro a la par de sentido de pertenencia a lo que consideramos que nos es próprio. No la podemos concebir como algo estático, sino como um hecho, um fenômeno cambiante.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 1999, p. 12)

Com a diversidade cultural, Hall argumenta que as identidades nacionais também são afetadas pela globalização; antes centradas, hoje elas estão sendo deslocadas:

Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações “globais” começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais (...) Os fluxos culturais entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (1999, p. 74)

Por sua vez, Everardo P. Guimarães Rocha afirma que a diferença cultural é ameaçadora porque fere nossa própria identidade (1984, p. 9). Dessa forma, negamos a cultura do diferente para reafirmar a nossa própria identidade cultural, considerando o estranho “atrasado”, o que reforça a identidade do nosso próprio grupo.

Contraopondo-se à idéia de etnocentrismo, existe a relativização - quando o diferente é compreendido através dos seus próprios valores e não através do olhar de quem julga:

Quando vemos que as verdades da vida são menos uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição: estamos relativizando (...) Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença. (ROCHA, 1984, p.28)

A relativização é não somente um processo para evitar conflitos e negação da cultura do outro. Entendendo o diferente em seu contexto, reforçamos nossa própria identidade ao reconhecermos nossas raízes culturais.

2.1.1. Identidade Cultural no Brasil

A cultura brasileira é diversa e tão extensa como o território do país. No exterior o Brasil é, constantemente, classificado como um lugar exótico – conhecido pelas belezas naturais, hospitalidade, futebol e carnaval. Mas em um país que também se manifesta pela multiplicidade de estilos, torna-se difícil definir a identidade brasileira.

Ainda que dentro da sociedade brasileira existam grupos diferentes, a nossa identidade pode ser entendida como uma série de características que fazem parte do repertório comum de um brasileiro. Por exemplo, todos nós falamos Português e identificamos uma série de características típicas de um brasileiro, ainda que não nos enquadremos a todas essas características. Da Matta exemplifica nossa identidade por meio de um processo de contraste com a cultura estadunidense:

Sei, então, que sou brasileiro e não norte-americano, porque gosto de comer feijoada e não hambúrguer; porque sou menos receptivo a coisas de outros países, sobretudo costumes e idéias; porque tenho um agudo sentido de ridículo para roupas, gestos e relações sociais; porque vivo no Rio de Janeiro e não em Nova York; porque falo Português (...) (DAMATTA, 1994, p.16)

Para Da Matta, cultura exprime um estilo e um modo de fazer as coisas. Ele alerta que a sua definição foi feita sob um ponto de vista brasileiro e, portanto, reconhecida pelos brasileiros, “usei uma fórmula que me foi fornecida pelo Brasil.” (1994, p. 18)

A identidade brasileira também é definida pela noção da família, a proteção dos laços sanguíneos, o lugar da tradição o qual resguardamos. A casa, sendo o local da confiança, é também é o local onde são aceitos agregados que não fazem parte da família, mas são acolhidos no ambiente, como um amigo que passa por dificuldades financeiras ou um velho empregado que não tem para onde ir. (DA MATTA, 1994, p.26)

A rua também é um local importante para os brasileiros. Segundo Da Matta, casa e rua se equilibram, numa perspectiva do mundo complementar: “Todos sabemos, por experiência respeitável e profunda, que na rua não se deve brincar com quem representa a ordem, pois naquele espaço se corre o grave risco de ser confundido com quem é ninguém.” (1994, p.31).

Outro aspecto destacado por Da Matta, é visão do trabalho que na concepção anglo-saxã é considerado “uma ação destinada à salvação.” No Brasil, a concepção de trabalho é realizada através da tradição católica romana, na qual é considerado “castigo”:

Não é à toa que o nosso panteão de heróis oscila entre uma imagem deificada do malandro (aquele que vive na rua sem trabalhar e ganha o máximo com um mínimo de esforço), o renunciador ou o santo (aquele que abandona o trabalho neste e deste mundo e vai trabalhar para o outro, como fazem os santos e líderes religiosos) e o caxias, que talvez não seja o trabalhador, mas o cumpridor de leis que devem obrigar os outros a trabalhar...” (1994, p.31).

O fator racial é outro ponto presente na cultura brasileira. Da Matta menciona o padre jesuíta José Antonil que define a estrutura racial brasileira como um triângulo formado por branco, mulato e negro -- associando o branco ao paraíso, o mulato ao purgatório e o negro ao inferno. O Brasil não é um país dual de caráter exclusivo, “ou seja, uma oposição que determina a inclusão de um termo e a

automática exclusão do outro”. O mulato representa exatamente esse “conjunto infinito e variado de categorias intermediárias” que existem no Brasil. (1994, p.41)

Ao contrário dos Estados Unidos onde o preconceito é explícito; no Brasil, existe um “preconceito velado”. Segundo Da Matta, isso acontece em sociedades onde não há igualdade entre as pessoas:

As sociedades igualitárias engendraram formas de preconceito muito claras, porque sua ideologia negava o intermediário, a gradação e a relação entre os grupos que deveriam permanecer separados, embora pudessem ser considerados teoricamente iguais. Tal fato não existiu na sociedade brasileira e até hoje tem débil aceitação social. Realmente, estou convencido de que a sociedade brasileira ainda não se viu como sistema altamente hierarquizado, onde a posição de negros, índios e brancos está ainda tragicamente de acordo com a hierarquia das raças. (DA MATTA, 1994, p.46)

Ainda sob um olhar brasileiro, a nossa cultura é tomada como a cultura da multiplicidade, na qual se dá importância a valores distintos como à família (local de segurança) e à rua (local de liberdade); ao carnaval (momento de excesso) e às festas religiosas (na manutenção das tradições e do culto).

O Brasil é, portanto, o local das possibilidades. Da Matta o caracteriza como um local dividido entre o indivíduo e a pessoa. No primeiro caso, o brasileiro é aquele das leis universais que modernizam a sociedade. No segundo, o brasileiro é o sujeito das relações sociais, que conduz ao pólo tradicional do sistema:

Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?” seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. (DA MATTA, 1994, p.97)

2.1.2. Identidade Cultural nos EUA

Da Matta define os Estados Unidos como um local onde “as regras ou são obedecidas ou não existem”. Não se dá um “jeitinho” para burlar as normas – sua desobediência implica em punição certa. A chamada disciplina de países como os

Estados Unidos é “uma simples e direta adequação entre a prática social e o mundo constitucional e jurídico (...) É isso que faz a obediência que tanto admiramos e, também, engendra aquela confiança de que tanto sentimos falta.” (1994, p.98)

Existem outros aspectos culturais estadunidenses que conquistam os mais diversos países através da influência cultural que os Estados Unidos exercem em todo o mundo com a sua mídia – filmes Hollywoodianos, indústria musical, canais a cabo de televisão. Através desses e de outros meios, a cultura norte-americana consegue espalhar-se por nações diferentes e estabelecer padrões de comportamento relacionados ao consumo.

Sut Jhally argumenta que os Estados Unidos vivem uma cultura consumista e, portanto, às vezes, é difícil identificar as origens dos seus valores. Nessa sociedade do consumo, a cultura também se torna um produto:

No mundo contemporâneo, mensagens sobre mercadorias são todas penetrantes – a publicidade foi crescentemente ocupando os espaços da nossa existência diária. Nossa mídia é dominada pelas imagens publicitárias, o espaço público foi tomado pela informação sobre os produtos, e a maioria dos nossos eventos esportivos e culturais são acompanhados pelo nome de um patrocinador corporativo.³ (JHALLY, 2003, p. 250)

Gary R. Weaver defende que os maiores efeitos dos movimentos pelos direitos civis e anti-Guerra do Vietnam nos anos 60, foi o questionamento de verdades culturais defendidas pelos estadunidenses durante várias gerações. Weaver explica que esses movimentos levaram à reafirmação da identidade cultural dos grupos:

Não mais, os indivíduos estão negando as suas identidades para se ajustar na abstrata sociedade Anglo-masculina. Eles estão afirmando suas originalidades e totalidade ao mesmo tempo em que as adotam para a sua justa cota nos benefícios da sociedade.⁴ (WEAVER, 2000, p. 60)

³(tradução da autora) In the contemporary world, messages about goods are all pervasive – advertising has increasingly filled up the spaces of our daily existence. Our media are dominated by advertising images, public space has been taken over by “information” about products, and most of our sporting and cultural events are accompanied by the name of a corporate sponsor.

Weaver acrescenta que, ao contrário de um pluralismo cultural, existe hoje nos Estados Unidos, um imperialismo cultural. Os hábitos e costumes de minorias como, Chineses, Latinos, Indianos e Africanos, que vivem no país, por exemplo, não foram absorvidos pela cultura estadunidense. Ao contrário, a diversidade aumentou o racismo. Os grupos minoritários, então, passam a reafirmar seus valores e interesses culturais mais arduamente:

As dinâmicas do racismo são agora aparentes para a maioria dos americanos (...) No entanto, a opinião de que todos os homens são iguais é talvez tão responsável para esse nivelamento cultural como qualquer tipo de racismo evidente, primeiramente porque nega a realidade das diferenças físicas, culturais, e psicológicas entre os homens.⁵ (WEAVER, 2000, p. 60).

A identidade cultural nos Estados Unidos é, assim como a brasileira, de difícil definição. Os Estados Unidos é extenso territorialmente, com regiões que se diferenciam em seus costumes. Além disso, existem os estrangeiros que residem no país legal ou ilegalmente. Cerca de 11,7 por cento da população que vive nos Estados Unidos, não nasceu naquele país – isso corresponde à 33,5 milhões de pessoas, segundo estimativas do relatório do *Census* norte-americano, divulgado em 2003. Nesse contexto de diversidade cultural, os semelhantes se reuniram formando grupos – compostos por indivíduos que querem reafirmar suas origens culturais e particularidades.

2.1.3. Perspectivas da cultura norte-americana

⁴ (tradução da autora) No longer are individuals denying their identities to fit into an abstractive, Anglo-male society. They are asserting their uniqueness and wholeness while taking it for granted that they are entitled to their fair share of society's benefits

⁵ (tradução da autora) The dynamics of racism are now apparent to most Americans (...) Yet, the belief that all men are equal is perhaps as responsible for this cultural leveling as any sort of overt racism, primarily because it denies the reality of physical, cultural, and psychological differences among men.

Qual é a característica mais notável da cultura estadunidense? Essa pergunta foi formulada para alguns estudantes de comunicação norte-americanos na fase de pesquisa de campo. Eles foram questionados sobre o que faz dos norte-americanos um povo reunido em uma única nação, já que se trata de um país tão amplo e diversificado. Todos encontraram dificuldades em definir o aspecto mais relevante da cultura estadunidense.

Cecília Monarrez é filha de pais mexicanos, católica e nascida nos Estados Unidos. Ela que é recém graduada em Comunicação e Publicidade pela Universidade do Texas em El Paso, cidade que faz fronteira com o México disse:

Para mim, a cultura americana é única porque é a mistura das diferentes culturas que existem no mundo. Por quê? Bem, porque existem tantas pessoas que vem para este país de diferentes partes do mundo e trazem a sua própria cultura para a América (...) O que os Americanos têm em comum? A fome para fazer dinheiro. Eu acredito que todos aqui nos EUA querem fazer dinheiro, porque infelizmente esta é a única maneira de sobreviver neste país.⁶

David Kassabian, estudante de Jornalismo na Universidade do Texas em Austin, disse que é difícil resumir em poucas palavras o que representa a cultura dos Estados Unidos. Segundo ele, a maioria dos estadunidenses não está conscientemente certa do que os fazem ser estadunidenses:

Para mim, ser americano combina uma vaga fé na liberdade e nas liberdades civis, com algumas manias e tendências sociais como MTV, música de rock, *reality tv* shows, bife, refeições super-grandes, jazz, uma livre imprensa (mas que está morrendo) e restaurantes “compre-e-leve” . Eu acho que uma coisa que todos os americanos têm em comum é que o nosso país é, ou ao menos tem o potencial, para o ser o lugar mais livre e igualitário (...) Eu acredito que o mais importante aspecto da cultura americana é a nossa longa história apoiando o direito de dissensão. Começando com a Revolução americana e continuando através dos protestos pelos direitos civis no século 20, uma fundamental e importante parte da nossa cultura é a

⁶ (tradução da autora) To me American culture is unique because it is a mixture of different cultures around the world. Why? Well, because there is so many people that come to this country from different parts of the world and bring their own culture to America (...) What do Americans have in common? The hunger to make money. I think that everyone here in the U.S. wants to make money, because unfortunately this is the only way to survive in this country.

habilidade de levantar-se intelectualmente contra partes do governo com as quais discordamos.⁷

Isaac Wolf, judeu e estudante de Economia na Universidade de Chicago, também pretendem ser jornalista, atividade que exerce desde os quinze anos de idade. Ele destacou que o aspecto mais importante da cultura americana é o senso de compartilhar valores:

Os americanos têm uma honradez – eles distinguem o certo do errado, e eles acreditam ser importante que esses ao seu redor compartilhem dessas opiniões. Esse sistema de valores é largamente influenciado pelo Cristianismo, especificamente pelo Protestantismo dos fundadores da América. Os valores Americanos também são formados na ênfase no trabalho árduo e nas oportunidades, que são desenvolvidas através da história Americana de expansão. Outro elemento da cultura americana é a flexibilidade para incluir novos imigrantes (pelo menos, esse foi um valor no passado), e integrá-los na sociedade americana através do trabalho duro.⁸

Patrick Bourland, estudante de Jornalismo da Universidade de Ohio, acredita que a característica mais relevante da cultura dos Estados Unidos é a importância da economia e a mobilidade social, o que ele chama de “sonho americano”:

O ideal por detrás dessa expressão é o de que as pessoas na América têm o potencial de fazer o que elas quiserem. Porque a democracia capitalista possibilita iniciativa particular e autodeterminação, as pessoas se fecham nessa teoria como se fosse a melhor coisa que a América oferece. Você tem aspectos negativos que resultam do capitalismo também, como, por exemplo, todo o dinheiro e poder limitados nas mãos de seletos poucos, os quais tendem a fazer as decisões mais importantes. Mas na teoria, eu acho

⁷ (tradução da autora) For me, being American combines a vague belief in freedom and civil liberties, with quirky social trends, like MTV, rock music, reality TV shows, steak, super-size meals, jazz, a free (but dieing) press and restaurant take-out. I think the one thing that most Americans have in common is that our country has, or at least has the potential, to be the most free and equal place. (...) I think the most important aspect of American culture is our long history supporting the right to dissent. Beginning with the American Revolution and continuing on through the 20th century civil rights protests, a fundamental and important part of our culture is the ability to stand up intellectually against parts of the government we disagree with.

⁸ (tradução da autora) Americans have righteousness -- they know right from wrong, and they think it's important that those around them share these views. This value system is influenced largely by Christianity, specifically the Protestantism of America's founders. American values are also shaped by the emphasis on hard work and opportunity, which were developed through America's history of open land and expansion. Another element of American culture is the flexibility of including new immigrants (at least this has been a value in the past), and the way to integrate into American society is through hard work.

que outros podem argumentar ser possível ficar rico, ou mesmo poderoso, se você trabalhar bastante.⁹

Blair Detric é estudante de jornalismo na Universidade de Memphis, Tennessee. Luterana e descendente de europeus, ela acredita que a cultura norte-americana é totalmente vinculada ao capitalismo e à diversidade de origens. Ela disse que chega a ser “absurdo” o preconceito étnico racial se manifestar em um país tão diversificado e miscigenado:

O dinheiro move tudo aqui e a busca pelo “sucesso” sempre foi medida em quão bem você está financeiramente. Mesmo quando o país foi fundado, as pessoas imigraram para cá para encontrar “ruas de ouro” e alguns deles tiveram sucesso, criando negócios que prosperaram. Muitos outros, não tiveram sucesso. Mas esses que prosperaram mostraram que nos Estados Unidos é possível crescer independentemente de suas origens. Uma pessoa nascida nas classes mais baixas pode crescer e ser presidente ou o proprietário de uma larga cadeia de negócios (...) É um país baseado no conhecimento de que se você trabalhar duro, você será recompensado (...) Ser Americano significa saber que você tem uma mão no seu destino – você pode se tornar o que você quer ser. O governo não te diz o que você deve ser ou quanta educação você pode ter. É sua escolha e depende de quão duro você queira trabalhar (...)¹⁰

A opinião dos entrevistados denota a diversidade e os pontos comuns encontrados dentro da sociedade norte-americana. Os jovens são originários de regiões e situações distintas o que justifica culturas, opiniões e modo de vida diferente. Apesar disso, eles ressaltam aspectos comuns da sociedade estadunidense no que se refere ao trabalho árduo e acumulação de dinheiro. Mas

⁹ (tradução da autora) The ideal behind the phrase is that people in America have the potential to do whatever they want. Because a capitalistic democracy allows for personal initiative and self-determination in theory, people latch on to that theory as being the best thing America offers. You have negative aspects that result from capitalism, as well, such as all the money and power limited to the hands of a select few, who tend to end up making all the important decisions. But in theory, I think others would argue that it's possible to become rich, even powerful if you work hard enough.

¹⁰ (tradução da autora) Money drives everything here and the quest for "success" has always been measured in how well off you are financially. Even when the country was founded, people immigrated here to find "streets of gold" and some of them succeeded, creating businesses that flourished. Many others did not succeed. But, those that did showed that in the United States, it is possible to rise above your origins. A person born in the lower classes can grow up to be President or the owner of a large chain of businesses (...) It is a country based on the knowledge that if you work hard, it pays off (...) Being American means knowing that you have a hand in your destiny - you can become what you want to be. The government does not tell you what you should be or how much education you can have. It is up to you and how hard you want to work.

ainda que esse seja um valor em comum, existem muitos outros distintos, como origem e maneira de viver, que são prova da diversidade que forma o povo americano.

3.0 . MÍDIA E DIFUSÃO CULTURAL

Com o desenvolvimento da tecnologia, o acesso à informação se tornou mais fácil. Diversas nações do mundo podem assistir a um mesmo evento em tempo real, através da transmissão por satélite. Jornais internacionais podem ser acessados pela Internet e lidos em países distantes, ao mesmo tempo em que o leitor que reside na cidade de publicação do periódico, recebe-o em sua casa.

As informações são, portanto, difundidas através da mídia que também as molda, e constrói práticas culturais, como define Muniz Sodré:

Na sociedade *mediatizada*, as instituições, as práticas sociais e culturais articulam-se diretamente com os meios de comunicação, de tal maneira que a mídia se torna progressivamente o lugar por excelência da produção social do sentido, modificando a ontologia tradicional dos fatos sociais. (1996, p. 29)

Porém a difusão de informações internacionais e assimilação de práticas culturais implicam certas condições. Para que um evento seja transmitido mundialmente, ele deve ser de interesse global. Para que uma página de Internet japonesa seja acessada por um brasileiro, por exemplo, é necessário que o brasileiro tenha algum interesse nela, compartilhando de certa cultura. Essa divulgação de informações pelo mundo e o interesse dos mais diversos povos e nações, é um fenômeno chamado de globalização da cultura. Grossberg, Wartella e Whitney explicam:

Uma das experiências definitivas do final do século vinte deve ser a globalização da comunicação e cultura. O fato é que as pessoas, virtualmente e no mundo todo, podem e observam os mesmos eventos em “tempo real”: as Olimpíadas, o campeonato da Copa do Mundo, o Oscar, e significantes eventos históricos. (...) A cultura viaja através das bordas nacionais em surpreendentes, porém previsíveis maneiras¹¹

¹¹ (GROSSBERG, WARTELLA, WHITNEY, 1998, p.398. Tradução da autora) One of the defining experiences of the end of the twentieth century has to be globalization of communication and culture. The fact is that people virtually worldwide can and do observe the same events in “real time”: the Olympics, the World Cup championship, the Academy Awards, and significant historical events (...) Culture travels across national borders in surprising but predictable ways.

De fato, através da globalização, o acesso à informação foi facilitado. Mas ainda que a tecnologia tenha promovido o contato entre as culturas, ela não resolveu todas as dúvidas e questionamentos em relação às diversidades e particularidades dos povos e nações. Hábitos que muitas vezes são assimilados, outras são recusados e criticados devido às diversas interpretações da cultura apresentada.

O entendimento e assimilação de uma informação internacional nunca serão exatamente idênticos nos mais diversos países. Além disso, existe discrepância na divulgação de informações, já que os países com maior poder econômico têm mais condições de divulgar suas culturas para outras nações. A produção de notícias está concentrada nos países ocidentais, principalmente, nas nações Norte-Americanas e Européias:

Desde cedo, o fluxo internacional das mensagens midiáticas foi submetido à concentração do controle. Além disso, o comércio internacional de mensagens da mídia sempre enfrentou argumentos sobre a relação entre mensagens da mídia e opiniões dos produtores.¹²

Clóvis Rossi confirma que o fornecimento de informações internacionais no mundo é controlado por um número pequeno de agências de notícias e mídia dos países industrializados:

Os países desenvolvidos controlam praticamente o circuito mundial de notícias, através de cinco agências, editam 83% dos livros publicados no mundo, controlam as dez maiores agências de publicidade do mundo (sete são norte-americanas e três têm participação majoritária de capital norte-americano), produzem e exportam 77% só de filmes para cinema – e assim por diante. (ROSSI, 2005, p.12)

Devido à discrepância no fluxo de mensagens midiáticas, no que se refere à origem dos conteúdos e ao domínio da mídia por algumas poucas nações, a difusão de costumes culturais ao redor do globo provoca questionamentos sobre

¹² (GROSSBERG, WARTELLA, WHITNEY, 1998, p. 401. Tradução da autora) From early times, the international flow of media messages has been subject to concentration of control. In addition, the international trade in media messages has always faced arguments about relationship between media messages and the biases of the producers.

perda das culturas locais em detrimento de uma cultura global massificada. No entanto, grande parte da população mundial ainda é marginalizada no que diz respeito à tecnologia e ao acesso à informação, embora não esteja completamente isolada em seus hábitos e costumes.

Apesar disso, Diane Crane argumenta que a globalização cultural já não deve ser conceituada como a emergência de uma única cultura global homogeneizada:

Globalização Cultural – como oposta à econômica, política ou globalização tecnológica – refere-se à transmissão ou difusão, através das bordas nacionais, de várias formas de mídia e artes (...) Globalização cultural é reconhecida como o complexo e diverso fenômeno que consiste de culturas globais, originando de muitas diferentes nações e regiões.¹³

No entanto, essas informações divulgadas globalmente, sofrem interferências e mediações. Os meios de comunicação exercem o papel de intermediários da informação internacional. Ainda que a Internet facilite o acesso direto à determinada fonte de informação na sua origem, as barreiras lingüísticas ou mesmo a falta de conhecimento do sistema cultural do país estrangeiro podem dificultar o entendimento da informação.

Um projeto de lei brasileiro pode estar disponível no *website* oficial do governo, por exemplo. O leitor de outro país que se interessa por ele, tem acesso direto ao documento, conectando-se à Internet. Porém, suas implicações para o Brasil ou até mesmo para o país do leitor não serão sanadas apenas com a leitura do documento. Ao optar pela consulta da informação na editoria internacional de um jornal de seu país, ou mesmo, pelo site de uma agência de notícias, o leitor recebe a

¹³ (CRANE, 2002, p.1. Tradução da autora) Cultural globalization – as opposed to economic, political, or technological globalization – refers to the transmission or diffusion across national borders of various forms of media and arts (...) Cultural globalization is recognized as a complex and diverse phenomenon consisting of global cultures, originating from many different nations and regions.

notícia de maneira mais contextualizada para a assimilação do ocorrido -- sem a barreira lingüística, por exemplo.

Além disso, na maioria das vezes são os meios de comunicação que chamam atenção dos leitores para assuntos internacionais que podem ser de nosso interesse. Ainda que a linha editorial de um meio de comunicação limite nossa visão sobre o assunto, o simples fato de um jornal disponibilizar e selecionar uma informação, já seria importante para aguçar a atenção do leitor.

Portanto, o jornalismo internacional foi especialmente favorecido pelas novas tecnologias. Ele representa um importante instrumento de divulgação cultural na mídia e, apesar de o jornalismo já ter nascido internacional, como afirma João Batista Natali, somente agora ele está exercendo plenamente suas possibilidades de disseminação de informação.

3.1. Jornalismo internacional e novas tecnologias

Na época do nascimento do jornalismo, no mercantilismo, uma série de notícias impressas começou a ser vendida para um grupo de pessoas interessadas em investimentos econômicos. João Batista Natali explica que os periódicos traziam notícias de terras distantes. A informação servia como “instrumento para produzir poder por meio de negócios.” (2004, p.23)

Na Europa do séc. XVII, com a multiplicação desses periódicos com informações internacionais, os empresários tinham controle de seus negócios, podendo avaliar prejuízo ou lucro de acordo com as notícias apresentadas nas publicações. (NATALI, 2004, p.23)

Hoje, o jornalismo foi facilitado pelos satélites de comunicação e pela Internet. João Batista Natali defende que essas novas tecnologias representaram

uma revolução para o jornalismo internacional. Ele explica que, antes da Internet, as editorias internacionais eram constituídas por redatores que escreviam as notícias com base naquelas recebidas pelas agências. Hoje, o redator exerce mais ativamente a função de repórter:

Ela [a Internet] fez com que o redator abandonasse o seu papel passivo diante dos telegramas das agências. Deu a ele um poder de intervenção inimaginável na elaboração mais pessoal de um texto noticioso. De certo modo, desapareceu ou se tornou bem mais tênue a fronteira que separava o redator do repórter. O redator também pode – e deve – apurar. (2004, p.57)

Portanto, o trabalho do redator-repórter também é de apuração -- ele pode desenvolver determinado assunto e apurar novos ângulos da notícia, consultar bibliotecas, checar as informações ou mesmo realizar entrevistas inserindo um ponto de vista brasileiro sobre o tema. (NATALI, 2004, p.57)

Por outro lado, destacamos que ao mesmo tempo em que a Internet facilitou o acesso do repórter às informações internacionais, ela também diminuiu o esforço dos jornais e meios de comunicação em colocar um correspondente ou enviado no exterior para apurar o fato na sua origem. Ao contrário, o serviço das agências de notícia é cada vez mais utilizado, limitando as possibilidades de cobertura do fato. Além disso, a Internet não possibilitou uma completa revolução para o jornalismo internacional já que grande parte dos leitores interessados na informação, ainda não possui acesso à rede mundial de computadores.

Mesmo com as facilidades trazidas pela Internet, o redator da editoria internacional de um jornal aqui no Brasil, por exemplo, ainda tem pouco acesso às fontes que estão na origem, onde o fato aconteceu. João Batista Natali, explica essa intermediação:

Há a intermediação das agências, dos comentaristas estrangeiros de cujas colunas o jornal é assinante, dos serviços que fornecem fotografias e infográficos. O jornalista que toma como matéria-prima essa montanha quase infinita de informações é, nas redações, um

especialista respeitado. Ele lida com uma diversidade imensa de assuntos, com uma complexidade incrível de conflitos. É normal que se exija dele uma qualificação diferenciada. (NATALI, 2004, p.9)

Com o avanço da tecnologia, o jornalismo internacional também passou a representar um importante meio através do qual, nações divulgam e espalham seus interesse e idéias. Clóvis Rossi destaca:

Talvez seja no noticiário internacional – ou, mais precisamente, no controle do fluxo internacional de informações – que mais fique evidente o quanto o jornalismo é uma batalha pela conquista de mentes e corações. (1980, p.12)

Mesmo com o avanço das tecnologias, o volume de notícias internacionais nos jornais e nos meios de comunicação em geral ainda não é expressivo. Ao mesmo tempo, existe a seleção e exclusão de notícias, já que não é possível cobrir o mundo todo.

No Brasil, por exemplo, a maioria das notícias internacionais parece dizer respeito aos Estados Unidos. Além disso, as editorias internacionais são, muitas vezes, pautadas nos grandes jornais estadunidenses como *New York Times* e *Washington Post*. (ROSSI, 1980, p.13)

José Arbex Jr. explica que quanto mais se falou em globalização, menos se investiu em editorias internacionais no Brasil. Segundo ele, a influência dos Estados Unidos acontece na economia e na mídia:

Não há grandes investimentos na cobertura da política internacional apesar da “globalização do mundo”, também porque a elite brasileira se sente representada pela cobertura feita pelas megacorporações transnacionais, especialmente as estadunidenses (2003, p.47)

Nesse contexto, os correspondentes internacionais têm um papel importante: eles irão dar uma abordagem diferenciada da notícia internacional, a qual se identifica com as particularidades e interesses de seu país, fugindo do estilo

de reportagem padronizada, distribuída pelas agências de notícias e publicada pelos jornais do mundo.

3.2. Correspondentes Internacionais

A figura do correspondente internacional está vinculada à cobertura de guerras. William Howard Russell é considerado o primeiro correspondente de guerra. Howard Russell era um jovem repórter irlandês quando foi enviado pelo editor do *Times* britânico, John Thadeus Delane, em Fevereiro de 1854, para cobrir a Guerra da Criméia. O editor esperava que Howard Russell retornasse da guerra na Páscoa, mas o correspondente acabou ficando por lá durante 18 meses.

Eamon Dyas, escreveu em artigo do *Times Online* (2004) que a Guerra da Criméia foi a primeira a utilizar o telégrafo como também a primeira a ser sistematicamente fotografada:

Por volta de 1855, por incentivo das necessidades militares, um telégrafo foi estabelecido entre a Balaclava e Varna. Russell sabia das vantagens que o telégrafo oferecia, mas por causa do monopólio militar, raramente, ele pode utilizá-lo. Consequentemente, a média de tempo que levava para receber as mensagens dele, do fronte de batalha até o *The Times* em Londres era de três semanas.¹⁴

A precariedade na tecnologia impedia que as notícias fossem publicadas rapidamente. Mas isso não impossibilitou o trabalho de Howard Russell. Suas reportagens e as de seu colega Thomas Chenery sobre as condições do hospital militar, contribuíram na criação de um fundo para ajudar os doentes e feridos, e para incentivar uma expedição de enfermeiras à guerra, coordenada por Florence Nightingale:

¹⁴ (DYAS, 2004. Tradução da autora) By 1855, under the incentive of military requirements, a telegraph was established between Balaclava and Varna. Russell was aware of the advantages the telegraph offered but, because of military monopoly, was very rarely able to use it. Consequently the average time it took to get his messages from the front to *The Times* in London was three weeks.

(...) Sir Robert Peel, filho do ex-primeiro ministro, enviou ao editor do *The Times* um cheque de 200 libras esterlinas para iniciar um fundo para fornecimento de suprimentos aos doentes e feridos – o que se tornou o Fundo Criméia *The Times*. O dinheiro chegou de toda a Bretanha (...) Se Russel não tivesse partido para chocar a consciência da nação, não teria havido o Fundo *Times*, nem a missão de Florence Nightingale, nem reforma do comissariado militar, nenhum abalo na estrutura política estabelecida, e nenhum reforço na escala enviada eventualmente. A condição resultante das Forças Armadas teria a deixado sem condições de lutar por uma conclusão de sucesso da guerra.¹⁵

Sérgio Mattos destaca que Howard Russell não poupava o exército britânico com críticas, apesar da censura estabelecida aos correspondentes de guerra:

Suas reportagens sobre a desorganização e desastres da guerra expunham o exército britânico, pela primeira vez, a críticas independentes, as quais culminaram com a destituição do Alto-Comando no campo de batalha e de todo o seu Estado-Maior. Como guerra gera demanda por notícias, os despachos críticos de Russell contribuíram também para aumentar as tiragens do *The Times*. (MATTOS, 2006)

O correspondente internacional na época de Howard Russell era de vital importância para os jornais, que necessitavam de um repórter no fronte de batalha, para informar sobre o que estava acontecendo. Os relatos de Howard Russell eram bastante descritivos, e pessoais. Ele relatava o que via utilizando o verbo em primeira pessoa e inserindo exclamações.

Atualmente, a notícia internacional é mais objetiva e padronizada pelas agências de notícias que vendem a informação para os jornais. O correspondente internacional é um cargo cada vez mais escasso. Ele representa um caro investimento para os veículos de comunicação que estão optando pelo serviço das agências de notícias. No entanto, o correspondente internacional ainda é uma figura

¹⁵ (DYAS, 2004. Tradução da autora) (...) Sir Robert Peel, son of the former Prime Minister, sent the editor of *The Times* a cheque for £200 to start a fund for supplying comforts to the sick and wounded - what was to become *The Times* Crimea Fund. Money poured in from all over Britain (...) if Russell had not set out to shock the conscience of the nation there would have been no *Times* Fund, no mission of Florence Nightingale, no reform of the military commissariat, no shake-up of the political establishment, and no reinforcements on the scale eventually sent. The resultant condition of the Army would have left it in no state to pursue the war to its successful conclusion.

importante no jornalismo já que irá apurar o fato de acordo com as necessidades e interesses de seu país, destacando o aspecto mais importante para o leitor.

João Batista Natali argumenta que muita coisa mudou na atividade do correspondente internacional:

O correspondente é hoje bem mais um repórter. Não se exigem dele textos opinativos que caracterizam uma espécie de colunista sediado em um país estrangeiro. Mas, em contrapartida, há uma exigência de bem mais centrada em narrar os fatos que ele tenha apurado. (2004, p. 103)

Natali ainda afirma que houve transformação na cobertura do correspondente internacional porque também mudou o interesse do leitor que está mais interessado em notícias objetivas que em análises realizadas por comentaristas:

Se durante o regime militar ele poderia se entusiasmar com textos contundentes e carregados de polêmica – era o caso de Paulo Francis e sua atávica oposição a então União Soviética –, com o Brasil redemocratizado é como se o leitor médio tivesse reconquistado o direito de formar sua própria opinião, em lugar de recebê-la como uma espécie de prato-feito jornalístico, entregue pelo correspondente da Folha, mesmo que se trate de um personagem singular e brilhante dentro da profissão. (2004, p. 103)

Ainda que o correspondente internacional não desenvolva um trabalho opinativo, ele deve ser bem informado e traduzir a realidade do país em que está; explicando e comparando com informações referenciais em seu país de origem, como explica Fritz Utzeri:

O correspondente não pode, de maneira alguma, perder o contato com o seu país. O tempo todo ele funciona como um brasileiro que está na Europa, nos Estados Unidos, no Japão, enfim, onde estiver, observando uma realidade que não é a dele. É fundamental que o correspondente esteja sempre bem informado tanto sobre a realidade do país em que está como sobre a realidade do seu próprio país. (UTZERI, 1989, p.55)

Além disso, Utzeri comenta que o correspondente internacional tem mais autonomia, mas ao mesmo tempo, passa por algumas dificuldades, já que vai para

um local desconhecido e deve montar um esquema de forma que não perca os acontecimentos mais importantes:

Em 90% dos casos a decisão de que escrever, do que apurar é do próprio correspondente. Se, por um lado, isso dá uma grande liberdade, por outro obriga que ele seja muito disciplinado, porque tem que manter um fluxo regular de matérias (...) Descobrir um bom assunto, escrever de uma maneira atraente é importante, porque a maioria dos leitores do jornal não lê a seção internacional. (UTZERI, 1989, p.55)

Com a diminuição do número de correspondentes internacionais pelos veículos de comunicação, os repórteres que atuam nessa função ficam ainda mais sobrecarregados. Antônio Brasil argumenta que o correspondente internacional deve ter uma vocação específica dentro da vocação do jornalista:

Em tempos de vacas magras, a cobertura internacional não tem que ser cara, mas certamente deve ser audaciosa e criativa. Pesquisas recentes nos EUA e na Inglaterra comprovam que o público se interessa pela cobertura internacional, mas não aprova ou aceita facilmente a “frieza” e distanciamento impessoal das coberturas homogêneas das agências de notícias. (...) Ser correspondente internacional deveria significar uma vontade muito grande de viajar pelo mundo a qualquer custo e sempre em busca de boas pautas com pouquíssimo dinheiro no bolso, muitas idéias ou pautas na cabeça e muita coragem para enfrentar as dificuldades. (BRASIL, 2003, p.63)

Ainda que a figura do correspondente internacional esteja cada vez mais escassa, seu papel ainda é relevante para os maiores jornais e veículos de comunicação do mundo. O número de correspondentes internacionais diminuiu, mas eles estão cada vez mais espalhados pelo mundo, em países que, anteriormente, não recebiam atenção da mídia.

José Arbex Jr. por outro lado alerta para o fato de que a figura do correspondente hoje também se relaciona muito com status e fama, principalmente na televisão:

Com o passar do tempo, os telespectadores se acostumam a identificar nele uma fonte conhecida de informação, alguém que

apresenta explicações em um cenário desconhecido e muito complexo, uma espécie de vizinho honesto e confiável. As emissoras, por sua vez, escolhem os correspondentes mais adequados a esse papel. Eles são “produzidos” como artistas em um show, quase que da mesma forma que os candidatos a eleições (...) Sedução é a palavra-chave. Em um mundo tão complexo e conturbado é bastante confortador ver uma face conhecida explicando aquilo que não conseguimos entender, colocando uma ordem lógica nos fatos e, sobretudo, mostrando para nós mesmos como somos bons e corretos. (ARBEX JR., p.13)

O Brasil é um desses países que ganhou relevância na mídia internacional e hoje possui correspondentes espalhados por várias partes do mundo como também recebe repórteres de outras regiões.

3.3. Correspondentes estrangeiros no Brasil

O Brasil é o país na América Latina que mais recebe correspondentes internacionais. De acordo com a Associação de Correspondentes de Imprensa Estrangeira no Brasil, existem mais de duzentos profissionais da mídia internacional trabalhando aqui.

A maioria dos correspondentes internacionais que cobrem o Brasil vem dos Estados Unidos. Atualmente, existem correspondentes do *New York Times*, *Associated Press*, *Times Magazine*, *Los Angeles Times*, *Newsweek*, *CNN*, dentre outros veículos.

Esses correspondentes que trabalham no Brasil, têm uma posição de privilégio, como destaca Fritz Utzeri: “Os correspondentes americanos no Brasil, em geral, estão na coluna social, até pela própria posição político-econômica dos Estados Unidos em relação a nós.” (1989, p. 58)

O Ministério das Relações Exteriores administra o Centro de Apoio à Imprensa Estrangeira, dedicado aos correspondentes internacionais que trabalham no Brasil. É através do MRE que é feito o credenciamento dos jornalistas estrangeiros que trabalham aqui. O MRE também possui em seu site uma série de

informações disponíveis aos correspondentes internacionais – como direitos do jornalista e a Lei de Imprensa brasileira - além de sessões como “artigos relevantes” e “seleção de notícias”. O primeiro *link* apresenta notícias selecionadas em jornais nacionais e estrangeiros, consideradas de relevância pelo MRE. A “seleção de notícias” possui *links* para o site de diversos jornais internacionais e nacionais.

O serviço disponibilizado aos correspondentes internacionais através do Ministério das Relações Exteriores ressalta a importância da imprensa na diplomacia entre os países.

No Brasil, recentemente, observamos uma crise diplomática travada a partir dos reflexos de um material produzido pelo correspondente internacional do *New York Times*, Larry Rohter. Em sua matéria, o jornalista abordou um tema que não agradou o governo brasileiro – uma suposta preocupação dos brasileiros com o alcoolismo do presidente Lula. A posterior expulsão do jornalista do país denunciou a preocupação do governo brasileiro com a imagem do Brasil que é divulgada no exterior.

O tratamento que os correspondentes internacionais que trabalham no Brasil recebem, pode estar vinculado à preocupação brasileira em relação à “imagem do Brasil” no exterior. Essa é uma herança da época da ditadura militar, quando as matérias veiculadas pela imprensa sobre o Brasil, sofriam a censura do governo.

Entretanto a preocupação com o que é divulgado ao exterior também está relacionada à relevância do veículo que publica a matéria. Antônio Brasil comenta que a censura exercida por parte do governo brasileiro e a expulsão do jornalista Larry Rohter mostram como o país se preocupa com o que é veiculado em jornais influentes como *New York Times*:

Deveríamos lutar, sim, por uma Lei de Imprensa “séria”, que defina os limites de todos os jornalistas no Brasil. Deveríamos estabelecer regras claras para a prática profissional, tanto de brasileiros como estrangeiros. Ou então, a partir de hoje, decidimos que só monitoramos o trabalho de correspondentes do NYT. Tenho certeza de que devem ter outros correspondentes estrangeiros no Brasil escrevendo “barbaridades” sobre o nosso país. O problema é que não ficamos sabendo. Pelo jeito, o governo brasileiro só se interessa pelo que “deu no NYT”. (BRASIL, 2004)

Antônio Brasil ainda ressalta que o correspondente internacional não está no país estrangeiro para agradar e sim para incomodar o governo do país. Ele destaca que esse deveria ser o trabalho de todo jornalista e talvez, um dos únicos riscos dos correspondentes internacionais. Ele também destaca as dificuldades do jornalista estrangeiro, e os problemas aos quais uma matéria pode levar:

Passei boa parte da minha vida como “estrangeiro” e, ainda pior, como jornalista estrangeiro. É sempre uma situação muito difícil e delicada. Temos responsabilidades e deveres com nossos leitores, patrões, mas também temos que respeitar os limites impostos pelos países onde somos “hóspedes temporários”. Aprendemos a sobreviver com um exercício constante de malabarismo de diferenças sociais, culturais e políticas. As ameaças são constantes e qualquer deslize ou erro pode significar “expulsão” ou o novo eufemismo brasileiro de “revogação de visto temporário”. Tudo bem. É um direito ou privilégio do governo brasileiro. Mas também deveríamos nos preocupar com outros problemas ou conseqüências dessas atitudes apressadas. (BRASIL, 2004)

Para os correspondentes internacionais brasileiros que vão para os Estados Unidos, a situação é bastante diferente. Os correspondentes brasileiros trabalham para veículos de comunicação que não são conhecidos no exterior e, portanto, a atenção dada aos correspondentes internacionais é muito menor. Utzeri exemplifica:

Lembro numa das entrevistas coletivas do Reagan, por exemplo, que era o próprio presidente que escolhia quem fazia as perguntas. Ele começava: “Helen Thomas, da UPI” – que era, e ainda é, a decana do corpo de imprensa de Washington e invariavelmente fazia a primeira e a última perguntas – “Fulano de Tal da AP”, “Sicrano do New York Times” (...) O resto, nós, o Jornal do Brasil e O Globo,

nunca tínhamos chance. A única oportunidade de nos aproximarmos de uma figura assim era se, por acaso, ela visitasse o Brasil. (UTZERI, 1989, p.58)

Apesar das dificuldades enfrentadas, os Estados Unidos é um dos países que mais recebe correspondentes brasileiros. Esse fato revela a importância daquele país para nós e a relação de interesse entre as duas nações.

3.4. Correspondentes brasileiros nos Estados Unidos

O Brasil possui diversos correspondentes em Washington e Nova Iorque, os quais cobrem assuntos da política e economia estadunidense, bem como curiosidades e cultura daquele país.

Para a realização desta monografia, foram entrevistados Paulo Sotero (O Estado de São Paulo), Heloísa Villela (Rede Globo), Luís Fernando Silva Pinto (Rede Globo), Iuri Dantas (Folha de São Paulo). Eles relataram as dificuldades que enfrentaram ao chegar aos Estados Unidos bem como suas experiências na atividade de jornalista.

Iuri Dantas é correspondente internacional da nova geração. Ele trabalha na *Folha de São Paulo*, que utiliza o sistema de revezamento de seus repórteres no exterior. Depois de terminar o programa *trainee* do jornal, em Outubro de 2001, ele trabalhou alguns anos na editoria de cidade em São Paulo. Dantas ainda trabalhou dois anos na sucursal da *Folha* em Brasília cobrindo política e Polícia Federal. Desde junho do ano passado, Dantas é o correspondente da *Folha* em Washington, posição que conquistou através de concurso promovido pelo jornal.

Luís Fernando Silva Pinto começou a carreira de correspondente internacional em 1977 na Argentina. Ele foi para os Estados Unidos, pela primeira vez, em 1978, quando visitou Nova Orleans, depois de cobrir a visita do presidente Geisel ao México. Além dos Estados Unidos, Silva Pinto também viveu na Inglaterra

e na Espanha. Atualmente, Luís Fernando Silva Pinto é correspondente da Globo em Washington, cidade onde vive e possui uma produtora.

Heloísa Villela chegou aos Estados Unidos aos 25 anos e começou a fazer trabalhos de correspondente internacional para o jornal *O Globo*. Atualmente, ela é uma das correspondentes internacionais da *Rede Globo* em Nova Iorque.

Paulo Sotero é correspondente do *Estado de São Paulo* nos Estados Unidos desde 1989. Ele reside em Washington desde 1980, quando se mudou para o país como correspondente da *Isto é*. Ele disse que sua história é “atípica.” Segundo ele, a maioria dos jornais tem uma política de revezar seus correspondentes no exterior, mas o *Estado de São Paulo* mantém seus correspondentes por mais tempo nas diversas localidades internacionais.

Esses correspondentes com suas histórias e experiências deram seu depoimento e comentaram sobre a atual atividade do correspondente internacional, suas dificuldades e a relação entre Brasil e Estados Unidos através da mídia.

3.4.1. – Dificuldades na atividade do correspondente

Os jornalistas relataram terem enfrentado dificuldades no início de seu período de cobertura dos Estados Unidos, quando recém-chegados no país. O idioma foi mencionado como uma das preocupações dos correspondentes, quando eles chegaram aos Estados Unidos. Eles ainda destacaram algumas barreiras encontradas hoje na cobertura do país.

Silva Pinto lembra que não falava inglês fluentemente – ao visitar os Estados Unidos, descobriu que tinha apenas uma noção do idioma. Apesar disso, sua dificuldade não era de entendimento da língua; para realizar reportagens, Silva Pinto começou a utilizar técnicas que o ajudassem na apuração das matérias:

Eu acho que, mesmo não falando a língua fluentemente, a pessoa precisa buscar os instrumentos específicos da língua. Os instrumentos específicos para o jornalista são perguntas. A dificuldade não é entender a resposta, a dificuldade é que a pessoa com quem você está falando entenda a pergunta, principalmente, se ela não está de frente para você, se a pessoa está do outro lado de uma linha de telefone (...) Se eu tenho que falar com uma pessoa no telefone, eu falava com pessoas que eram conhecidas minhas, amigos meus, amigas minhas, americanos, e falava assim: “se eu tenho que falar com você no telefone, se eu preciso perguntar da onde você vem, se eu preciso perguntar o que aconteceu, se eu preciso perguntar quem falou isso” (...) Tudo isso eu perguntava para as pessoas. Então, pelo menos, eu sabia fazer perguntas.

Quando chegou aos Estados Unidos, Heloísa Villela disse que tinha a preocupação de não perder nenhuma informação importante na cobertura dos fatos. Villela explicou que, no início, fazia poucas e pequenas matérias para não correr o risco de cometer erros. Ela relatou que, quando precisava falar com alguma fonte por telefone, fazia antes uma lista com todas as perguntas possíveis sobre determinado assunto, para não perder nenhum detalhe da informação.

Ela também afirmou que ainda existe dificuldade de acesso às fontes nos EUA, onde segundo ela “ninguém sabe o que é *Rede Globo*.” No entanto, ela disse que nos EUA o acesso ainda é muito mais fácil se comparado com outros países como a China, por exemplo.

Dantas garantiu que os correspondentes internacionais que trabalham no Brasil têm mais facilidade de contatar o governo brasileiro do que os brasileiros que tentam falar com o governo americano. Ele disse que isso também se deve à característica da cultura brasileira:

(...) Eu estou falando que um jornalista do *Kansas Gazette* vai conseguir cobrir a capital brasileira muito melhor do que um correspondente brasileiro consegue cobrir a capital americana. Por mais que lá [no Brasil] exista uma cultura de não disseminar a informação, de dizer tudo *off the record*. Porque as relações humanas no Brasil são muito mais fáceis. O acesso físico é muito mais fácil. (...) Para você falar com o assessor de imprensa do Ministério da Fazenda, você perde, sei lá, 40 minutos (...) Ele pode estar correndo naquele dia, mas se você voltar no dia seguinte ele

vai te atender. Você vai tomar um café, vai bater um papo, ele vai ter todo prazer em te ajudar. Mas isso é uma postura cultural brasileira.

Segundo Dantas, a maior dificuldade encontrada quando chegou aos Estados Unidos foi fazer-se conhecido para conquistar fontes:

É muito difícil você se fazer conhecido pelo governo americano. O governo americano te vê como alguém que importa, no que importa eles falarem. Ainda mais uma administração como essa que leva muito a sério a questão de relações públicas (...) Então aqui, a dificuldade é que você demora um pouco pra perceber (mas acho que isso era uma deficiência minha) você demora um pouco para perceber o que é realmente importante você mandar daqui. Porque tem um volume de informação enorme, todo dia trinta mil notícias diferentes. Então, o que é realmente importante para o Brasil saber em relação aos Estados Unidos do governo americano? (...) Mas isso sempre demora, sei lá, dois meses. Minha grande dificuldade é essa, de acesso.

Já Sotero afirma não encontrar grandes dificuldades no trabalho de correspondente nos Estados Unidos que é um “parque de diversões para jornalistas”, onde a liberdade de imprensa é consagrada:

Esse país aqui é um país muito amigo do jornalista. É um país muito propício ao exercício da profissão de jornalista. É o país mais importante do mundo. A gente pode gostar ou não gostar do que eles fazem, mas é o mais importante do mundo. Tem muito poder, tem muita influência para fazer coisas boas e ruins, como, por exemplo, a guerra do Iraque que é um desastre absoluto. E eu acho que é um país que entende a importância da mídia estrangeira para os seus próprios interesses. Eu não tenho nenhuma dúvida de que eu consigo acessos aqui que interessam a eles. É tudo profissional aqui, não tem bobo. Claro que, ao longo de muitos anos eu fiz muitos amigos. Eu tenho acessos a agentes do governo americano que falam comigo porque me conhecem, não sei se falam com outros jornalistas. Eu sei que quando eu preciso falar com pessoas aqui, eu ligo e falo. Eu não abuso disso e eu não me sinto, digamos, discriminado.

3.4.2- Trabalho do correspondente

Os correspondentes internacionais brasileiros nos EUA afirmaram que suas atividades envolvem sugestão de pautas ao editor, apontando o que poderia ser um assunto de interesse do Brasil. Apesar disso, eles não vêem grandes

diferenças entre a atividade de um correspondente internacional e de um jornalista que trabalha em seu país.

A atividade de correspondente internacional ainda é vista como uma posição de prestígio, com destaque para os que trabalham com telejornalismo e são facilmente identificados pelo telespectador. Apesar disso, alguns correspondentes discordam que sejam representantes de seu país.

Paulo Sotero disse que se policia muito para não se considerar mais importante que a notícia. Ele também alerta para a importância do veículo de comunicação para o qual o correspondente trabalha:

(...) Eu não procuro cometer o erro, o pecado, que muitos jornalistas comentem de se considerarem importantes, eu não me considero - o importante é a notícia. Eu sei que eu tenho uma posição privilegiada, eu sei que eu sou uma pessoa reconhecida, e algumas pessoas falam no meu nome e tal... Tem muito jornalista – eu brinco com os meus amigos – tem muito jornalista importante. Importante nada. Importante é o órgão para o qual a gente trabalha. Por que o dia que eu parar de trabalhar no Estadão, o dia que eu aposentar, eu sou eu. Então as pessoas que me acham importante são a minha mulher e meus filhos. Paro o resto, eu sou um cidadão comum como qualquer outro (...) É um pecado profissional um jornalista se tornar importante. O jornalista não é importante. O importante é a notícia, o leitor, é o que a gente faz.

Sotero disse que a diferença entre o correspondente internacional e um jornalista que está trabalhando em seu país de origem, está mais relacionada ao prestígio dos correspondentes:

O correspondente é uma posição de algum prestígio porque envolve, normalmente, ter conhecimento de línguas estrangeiras, envolve ter a disposição e o traquejo pra viajar e para falar com pessoas e entender pessoas em outros contextos culturais. Quer dizer, você tem que ter essa disposição de espírito. Eu procuro entender os americanos no contexto americano.

Silva Pinto explicou que o trabalho de correspondente internacional envolve estar atualizado com tudo o que acontece no país no qual está. Segundo ele, o trabalho do correspondente não é só fazer matéria:

A função do correspondente não é apenas fazer matéria. O correspondente existe para alimentar o editor internacional. O correspondente existe para dizer para o editor internacional qual é a matéria que ele sugere, quando que tal coisa não é matéria. Porque o editor internacional tem outros correspondentes e o espaço é limitado (...)

Silva Pinto nega que exista mais liberdade no trabalho do correspondente internacional, em comparação com o repórter que trabalha em seu próprio país. Ele avalia que, assim como o correspondente internacional, o jornalista que cobre qualquer outra editoria deve sugerir pautas e ficar atento ao que acontece na sua área de cobertura.

Silva Pinto explica que, para ser correspondente internacional, é necessário ser curioso e inteligente, buscando ir entendendo a sociedade. Apesar de viver nos Estados Unidos desde 1979, ele acredita que ainda tem muito que aprender, mas alerta que, quando chegou ao país, já possuía um conhecimento histórico. Ele afirma que não foi para os Estados Unidos fazer “lição de casa”, mas para aprender:

Você tem que ter humildade, mas ao mesmo tempo, você tem que ter uma segurança de que você não está pisando num terreno que você absolutamente não sabe a densidade dele. Porque, afinal de contas, existem cento e noventa e poucos países no mundo. Não é que seja uma equação tão complexa. Quer dizer, você tem a obrigação de saber aonde você, mais ou menos, vai se localizar em termos dos pontos de referência. Porém, com o passar do tempo, você vive a sociedade, você entende a sociedade, você percebe as cores dela, as texturas, os movimentos, os ritmos, as marés, você faz amizades no lugar onde está vivendo. Você entende porque certas coisas aqui significam isso (o que pode ser completamente diferente do que essas coisas significam num outro lugar). Você entende a moral. Você vai passando pela história política do país, você vai ouvindo o que politicamente é dito e depois o que é feito (...)

De acordo com Silva Pinto, o correspondente internacional não exerce o papel de representante de seu país. Ele disse que acha infantil e presumido considerar-se um representante do Brasil no exterior. Ele afirma que tem uma responsabilidade muito grande por estar falando para o público brasileiro:

O representante do Brasil nos EUA é um embaixador, não sou eu. Para mim é uma coisa muito mais séria. Eu sou um profissional brasileiro que passa notícias para brasileiros sobre os Estados Unidos -- e no meu caso, por uma circunstância que é a televisão, são milhões de brasileiros. E isso tem uma seriedade profunda como tem uma seriedade profunda, o correspondente do jornal, o correspondente que trabalha no rádio, o correspondente que trabalha em revista. Eu não me considero um representante de nada, porém, a seriedade de se estar falando para as pessoas do meu país - que eu conheço profundamente, além de adorar - sobre uma outra sociedade, essa seriedade é enorme porque eu falo para um país complexo sobre um país também complexo. Então, eu não represento, mas não é leviana a situação.

Silva Pinto se considera um fornecedor de informação e não um educador.

Mas, sempre que possível, ele tenta explicar a informação além de contar o que aconteceu:

Sempre que possível, se você tem tempo, você explica a informação. A primeira coisa que você faz: você fala o que você sabe (não fala o que você não sabe). Se você consegue explicar o que você sabe e dizer: "Olha, isso aqui aconteceu. Inclusive, antes disso acontecer, aconteceu uma outra coisa" Se você consegue dar perspectiva ao que você está falando, você tenta se você tem tempo e se você tem o conhecimento necessário para dar essa informação. Às vezes você não tem (...)

Apesar da responsabilidade de falar para o público brasileiro, Luís Fernando Silva Pinto também não se considera uma fonte autorizada da informação. Segundo ele, o telespectador escolhe o telejornal através do qual irá se informar e não em qual correspondente internacional confiar:

Se essas pessoas estão vendo esse noticiário e porque elas chegaram à conclusão de que aquele noticiário é um bom uso do tempo delas. Dentro desse noticiário, eu acho que essas pessoas partem do princípio de que este noticiário não teria ninguém mal preparado apresentando ou fazendo a reportagem. Então elas escolheram esse noticiário, estão dando a esse noticiário um crédito e neste crédito está envolvida a escolha interna das pessoas que fazem esse noticiário, quem é que está fazendo as reportagens. Eu acho que é basicamente isso, entende, eu acho que as pessoas não me vêem como representante autorizado ou não, as pessoas dão credibilidade, elas dão crédito ao noticiário (...) Eu acho que é uma relação muito de satisfação ou não com o produto. Eu acho que é isso. Elas não confundem. Ninguém acha que eu tenho autoridade de alguma coisa. Eu sou um jornalista eu não sou um representante de nada. Ninguém me elegeu para nada.

Dantas disse que o trabalho de correspondente é também jornalismo. Ele comentou que uma diferença quando se trabalha como correspondente é o contato com o leitor:

O contato com o jornal é completamente diferente. O jornal não está aqui. O jornal não está ouvindo o rádio daqui - às vezes, não tem tempo de ver na Internet o que está acontecendo. (...) O jornalismo é muito básico, entendeu. É aquela coisa que alguém, muito mais inteligente do que eu, já falou: "você aprende em cinco minutos o que é jornalismo e leva o resto da vida tentando fazer certo." (...) O contato com o leitor, aí é completamente diferente porque você está escrevendo em Brasília, então a menina que vai fazer a faxina lá em casa uma vez por semana, comenta o crime que você está acompanhando. E ela te dá uma visão mais de mundo real, pé-no-chão, que de repente, te falta.

3.4.3. O olhar sobre a cultura

O olhar sobre o fato que se cobre é influenciado pela formação de cada correspondente. Inevitavelmente, sua experiência e formação irão, de alguma forma, influenciar na maneira como ele olha o fato. Cada um definiu seu olhar de um modo diferente.

Sotero já trabalhou em Portugal, cobriu a América Latina e a independência de algumas colônias portuguesas. Ele afirmou que, como correspondente internacional, tenta, primeiramente, entender a notícia nos termos do país onde trabalha. Ele disse que pretende explicar as coisas como ele as vê. Sotero falou que viajou mais de seis mil quilômetros de carro pelos Estados Unidos para ouvir a opinião das pessoas no período pré-eleitoral da última eleição presidencial dos Estados Unidos. Sobre a cobertura das eleições, ele comentou:

Eu vi um país muito dividido e pude refletir isso em todas as minhas matérias. No final, para quem está lá no Brasil e não vem aqui, que tem todos esses estereótipos em relação aos Estados Unidos, decidiram que a direita tinha mandado, tinha dominado. Hoje você vê uma virada neste país (EUA) em que as pessoas começam a reagir à guerra e etc, independente do que a direita religiosa pensa. Eu acho, inclusive, que os Estados Unidos vivem nesse momento o fim da era conservadora que começou com o Reagan. O país está se preparando para um outro movimento. Este país tem muita energia e se reinventa com muita facilidade.

Sotero afirmou que a sua atividade como correspondente mudou a sua visão em relação ao próprio Brasil. Ele revelou que seu olhar sobre o Brasil mudou por conta da vivência no exterior que lhe serviu para comparação:

Eu gosto muito do jeito que é operado aqui. Eu gosto do jeito de ser, do jeito de operar e de funcionar daqui. Eu vou ao Brasil e para quem está lá, a desigualdade social no Brasil, os abusos que acontecem com as pessoas no Brasil, são meio naturais porque é parte da vida cotidiana, você não fica prestando muita atenção (...) Mas eu tenho referências de fora. Eu sei que as pessoas, o ser humano, tende a ser mais respeitado em países desenvolvidos. Porque são mais democráticos. E essa é a questão.

Para Silva Pinto, ele é hoje um correspondente muito mais completo do que quando começou a atuar nessa função, por ter trabalhado em vários locais e ter ganhado experiência durante seus 28 anos como correspondente. Ainda assim, seu olhar sobre a notícia:

(..) o meu olhar é brasileiro, ele é espanhol (eu fiz o meu mestrado na Espanha), ele é inglês (eu morei muitos anos na Inglaterra), ele é americano (eu moro nos Estados Unidos), ele é, enfim, eu acho que nós somos tudo da nossa história pessoal (...)

Silva Pinto explicou que toda sua experiência como jornalista colaborou para a maneira como ele trabalha hoje. Mas ele disse que, mais importante que a vivência cultural é uma “base cultural sólida e uma curiosidade que não tem fim”:

Você pode cobrir uma reportagem com uma energia, uma intensidade, uma dedicação, que suplantam a perspectiva que grandes viagens teriam te dado. Depende porque a gente nunca sabe. A vantagem da reportagem é que você nunca sabe o que é uma reportagem. Reportagem é o que ela é. Uma reportagem não é uma peça cujo texto está escrito, você vai representá-la. A reportagem é uma caça: você sai à caça e depende de mil coisas o fato de você conseguir ou não caçar. (...) A reportagem é isso. É muito difícil você dizer que um correspondente internacional que ficou 20 anos num lugar é melhor do que um outro que acaba de chegar ou do que ele mesmo era quando acabou de chegar. Porque depende de cada reportagem. Às vezes você pode fazer coisas brilhantes sendo inexperiente. Às vezes, você pode fazer coisas brilhantes no outono da sua vida. Eu acho que não tem muita regra.

Iuri Dantas e Heloísa Vilella disseram que mantêm um olhar brasileiro na apuração de suas matérias. Heloísa garante que faz questão de conservar um olhar bem brasileiro em todas as reportagens que cobre. Ela afirma que é para isso que existe o correspondente – para olhar o fato de acordo com a visão de seu país.

Vilella relatou que gosta de fazer matérias de cultura e comportamento do que seria curioso para o público brasileiro, mas que, agora, está mais interessada em cobrir política por considerar ser este um assunto importante para o público no momento. Segunda ela, o correspondente internacional “traduz” a notícia para o público de seu país, um trabalho de até mesmo “explicar” o que está acontecendo.

Dantas disse que manter o olhar brasileiro ajuda a identificar detalhes importantes que devem ser explicados ao seu público leitor. Ele exemplificou:

Há duas semanas, o Bush anunciou o novo programa de imigração. Num discurso (...) ele disse que a operação que lançou a patrulha de fronteira, tinha o nome de “Texas hold them” e a platéia riu. E acho que o correspondente internacional do Brasil tem que dizer que o Bush deu um risinho de lado, que a platéia riu, e que aquilo é um trocadilho com o jogo de pôquer. Mas o jornalista daqui vai simplesmente dizer que é um trocadilho com o jogo de pôquer (...) O jornalista brasileiro tem que dizer, “olha, ele deu uma risadinha e a platéia riu”. Por que o jogo tem esse nome? – “Texas, pega eles!” Por que tem essa cultura de Texas “Don’t mess with Texas”? Isso é cultura americana, isso não é notícia aqui. Mas para o Brasil é sim,entendeu? Eu sou um brasileiro, eu tenho que ter uma visão brasileira. O meu leitor é brasileiro.

3.4.4. Imagem do Brasil no exterior

Os correspondentes internacionais brasileiros destacaram que a imagem do Brasil no exterior se modificou. Segundo eles, atualmente, o Brasil não é visto apenas como um país exótico, conhecido por Amazônia e carnaval. Hoje, o noticiário estadunidense sobre o Brasil destaca o seu potencial econômico.

Sotero disse que o Brasil é visto com “perplexa esperança” pela elite intelectual estadunidense. Ele explicou que os Estados Unidos conhecem o Brasil por muitas outras coisas além do futebol e carnaval; eles reconhecem no Brasil um passado em comum:

As pessoas olham para o Brasil e falam como que eles não conseguem mais do que eles estão fazendo. Americano quando olha para o Brasil, as pessoas mais bem informadas, vêem o Brasil, como um pouco de si mesmos. Esse país aqui, os nossos dois países, são muito parecidos em certas coisas. São países de dimensão continental. São países onde havia populações indígenas, quando chegaram os europeus. São países que depois trouxeram escravos. São países que se colonizaram: imigrantes estrangeiros, holandeses, italianos... São dois países que têm um diálogo (...)

Heloísa Villela gosta da cobertura do Brasil feita pelos grandes jornais nos Estados Unidos, apesar de, de vez em quando, ainda aparecerem algumas reportagens mal feitas. Ela exemplificou com a matéria do jornalista Larry Rohter que, segundo ela, “uma completa falta de entendimento da cultura brasileira”. Segundo ela, Rohter foi incapaz de entender que no Brasil todos tomam “uma cervejinha” e que isso não afeta a governabilidade de Lula.

Iuri Dantas acha difícil definir qual a imagem do Brasil nos Estados Unidos porque, segundo ele, “Não existe americano médio”, mas ele relatou experiências que comprovam que a imagem do Brasil no exterior “é muito melhor” do que ele imaginava:

Eu me deparei com muita gente que conhecia muito do Brasil. Eu conheci um garçom, eu terminei de jantar, pedi um café e ele perguntou: “De onde você é?” Eu falei assim, “Do Brasil”. Ele falou: “É, vocês gostam de café forte”. Aí eu falei: “É, no Brasil a gente gosta de café forte”. Ele falou; “É, e vocês também gostam de suco de laranja, vocês sabem fazer avião, vocês fazem chinelo bacana, vocês fazem roupa e vocês têm produção disso...” Um garçom num restaurante! Me deparei com um taxista que falou muito da cultura brasileira. Me deparei com gente em festa e eu falava, “Ah, o Brasil está complicado, a gente está numa crise política”. E a pessoa falou “É mesmo, né, como é que pode o Lula estar passando por isso tudo?” Então a imagem que o americano tem do Brasil, eu acho que não é mais aquela coisa de Amazônia e índio na rua e tal. É uma coisa de um país em desenvolvimento, é um país que está buscando

lá as formas de aliviar a pobreza, que tem problemas como qualquer outro, mas também tem muitas qualidades (...)

Dantas acredita que a mudança da imagem brasileira feita pelos estadunidenses deve-se a um processo histórico. Ele disse que o mundo já não é mais o mesmo e que as pessoas podem procurar uma informação facilmente através da Internet:

(...) se a pessoa tiver curiosidade sobre o que é o Brasil, ela vai colocar no *Google*: Brasil. Ainda que seja para dizer, “Ah, será que eu vou viajar para o Brasil nas férias para conhecer as praias e ver índio?” e ele coloca Brasil no *Google* e vê que não é nada daquilo. O Brasil passou por eventos históricos muito interessantes por si. Não é todo dia que você derruba um presidente com um *impeachment*, com um processo democrático. Não é todo dia que você elege um sociólogo que passou anos na clandestinidade. Não é todo dia que você abre o setor elétrico de um país e recebe investimento do mundo inteiro. Não é todo dia que você elege um operário. (...) Aqui oitenta por cento da população tem acesso à Internet, então você fala aqui que “eu vou lá e *Google* isso, *Google* aquilo”, pode parecer uma coisa de louco no Brasil, mas aqui, todo mundo faz isso. Então, não sei por que mudou isso, mas eu acho que tudo é questão de processo histórico mesmo.

4.0. ESTUDO DE CASO – O Brasil Por Larry Rohter

Para a realização deste trabalho, foram analisadas matérias do jornalista Larry Rohter, correspondente do *New York Times*. As matérias foram publicadas entre 2002 e 2005, e acessadas através do *website* do jornal na Internet, com

exceção de uma delas, lida no original impresso. Todas as matérias dizem respeito ao Brasil e abordam assuntos relacionados à nossa cultura.

O *New York Times* é um dos jornais estadunidenses que mais dá atenção à cultura brasileira. Já que o nosso interesse é abordar a cultura brasileira divulgada através da mídia, julgamos ser esse veículo o melhor objeto de análise, pois a cobertura do *New York Times* tem influência mundial. Como define Gay Talese em *O Reino e o Poder*, publicação sobre a história do *New York Times*, o jornalista é o “acendedor de lampiões das estrelas”. (TALESE, 2000, p.14) Portanto uma notícia só causa impacto quando é publicada, e assim, o Brasil em tese só seria conhecido por aquilo que se publica sobre ele, seja na Internet, ou num jornal diário comum.

O *New York Times* é um jornal voltado para o público de elite, sendo que sua versão *online* é amplamente acessada por internautas do mundo todo. Geralmente, as editorias internacionais são pouco lidas e possuem matérias curtas e resumidas. O *New York Times* traz reportagens longas e, portanto, supomos que o leitor em nossa análise tem um interesse acima do normal pelos fatos internacionais.

Iremos realizar uma análise de discurso, utilizando a corrente francesa, tomando como base o trabalho de Dominique Maingueneau. Os textos serão analisados em língua portuguesa, através de tradução realizada pela autora deste trabalho, sendo que os textos originais em inglês seguem anexados a este trabalho. A tradução considerou os aspectos culturais da língua inglesa bem como as expressões próprias do idioma.

Vale ressaltar que todos os artigos analisados são textos jornalísticos informativos, sendo apresentados como reportagem. Nenhum dos textos prima pelo imediatismo da informação. Eles são atemporais – não trazem informação factual e podem ser lidos e publicados a qualquer época sem prejuízo de seu valor.

Os gêneros de discurso jornalístico, as reportagens, pressupõem um número de normas e regras que regulam o tipo de texto escrito. Para que haja comunicação entre autor e leitor existe um contrato de leitura:

Todo gênero de discurso exige daqueles que dele participam a aceitação de um certo número de regras mutuamente conhecidas e as sanções previstas para quem as transgredir. Evidentemente, esse “contrato” não necessita ser objeto de um acordo explícito: “É justamente porque o contrato de comunicação é fundador do ato de linguagem que ele inclui sua própria validação.” (MAINGUENEAU, 2005, p. 69)

Tendo como apoio esse argumento, será feita a análise dos textos já citados com atenção para os aspectos que denotam a conexão autor-leitor. Quais os aspectos que o autor aborda para identificar a cultura brasileira nos Estados Unidos? Através dessa observação, pretendemos reconhecer também como o Brasil é apresentado aos Estados Unidos.

O primeiro texto que será analisado é “Afundo no Brasil, um vôo de paranóia fantástica”, publicado em Junho de 2002. Ele trata de um mapa da Amazônia que circulou no Brasil por meio da Internet. O mapa não considera a Amazônia como território brasileiro, mas como território mundial. Segundo a mensagem que circulou na internet, o mapa havia sido tirado de um livro de ensino médio dos Estados Unidos. O suposto mapa provocou discussões e inclusive um comunicado do governo brasileiro, que se pronunciou através de sua embaixada nos EUA para desqualificar a sua veracidade.

O título enuncia um texto que irá tratar do tema sob um aspecto crítico. Apesar de ser uma matéria jornalística, a partir da leitura do enunciado já se percebe o tom opinativo do discurso do autor. Ele não enuncia o fato, mas comenta sobre ele. Ao utilizar “um vôo de paranóia fantástica”, o leitor já percebe que o repórter irá

revelar algo próximo da fantasia, marcado pelo exotismo, através da utilização dos termos “paranóia” e “fantástica”.

Segundo Maingueneau, “Toda enunciação implica sua pertinência, o que leva o destinatário a procurar confirmar essa pertinência.” Portanto, se o jornal publicou “Afundo no Brasil: um vôo de paranóia fantástica”, ele afirma que a assunto tratado remete a algo absurdo. Ainda que o leitor não seja passivo, e possa ter sua própria interpretação, a maneira opinativa como é abordada a matéria limita suas possibilidades de ver o fato, principalmente, se ele não possui muitas informações sobre o Brasil. Rohter não apenas interpreta o fato para explicá-lo, ele usa de um julgamento que deveria ficar a cargo do seu leitor.

Analisaremos o título juntamente com a linguagem que se segue no texto. Como define Maingueneau, não se pode tratar o enunciado separado de seu contexto. De fato, o enunciado e a escolha de palavras realizam um objetivo – chamar a atenção do leitor de uma forma crítica.

Já na introdução confirmamos que o enunciado pretende criticar - ainda que essa crítica seja um valor cultural compartilhado entre autor e leitor, natural no relato de uma situação que os atinge negativamente:

Coloque a razão de lado por um momento, e imagine o seguinte: estudantes americanos são ensinados que a Amazônia deve ser tomada do Brasil e formar uma “reserva internacional” sob a administração das Nações Unidas. Forças especiais das Forças Armadas dos Estados Unidos estão treinando na Flórida para tomar o controle da zona, assim que ela for estabelecida. E, para acelerar o processo, a Universidade de Harvard defende o imediato desarmamento do Brasil. (ROHTER, 2002)

Ao iniciar o texto com “Coloque a razão de lado por um momento”, o autor já denuncia certo ponto de vista e identificamos que se trata de um artigo opinativo. Ao mesmo tempo, ele se dirige diretamente ao leitor em particular, ao dar-lhe uma “ordem” para colocar a razão de lado na observação do assunto que será discutido.

O *lead*, ao invés de apresentar o assunto que será tratado, alardeia uma visão sobre ele antes de explicar o que irá ser noticiado. Na verdade, a falsa história da qual o mapa trata é contada mais uma vez no primeiro parágrafo para somente ser desmentida e explicada no segundo. Aqui nova tomada de posição pelo autor: “Tudo isso, claro, é pura imaginação. A imaginação brasileira”.

A frase apresentada acima possui outros elementos que ressaltam o tom opinativo do texto, como a expressão “claro”. Além disso, essa expressão revela uma cultura em comum entre o autor e o leitor, já que, ao utilizá-la o autor subentende que os leitores também a usariam na mesma situação.

Com a expressão “tudo isso” o autor remete a uma série de informações as quais foram informadas no primeiro parágrafo. Ao mesmo tempo, a expressão resume e generaliza – como se todas as informações apresentadas fossem somente imaginação do povo brasileiro. Ainda, quando ele finaliza com “A imaginação brasileira”, Rohter caracteriza o Brasil como um local “fantasioso” e onírico, desprovido de pensamento racional, onde tudo é pura imaginação.

O autor deve atrair e compartilhar opinião com o leitor – ao menos ele deve usar de regras e elementos os quais o leitor conhece. Portanto, o autor também nos dá uma pista de que o seu leitor compartilha da imagem de Brasil que é apresentada na reportagem.

No segundo parágrafo, Rohter desqualifica novamente a posse da Amazônia pelo Brasil:

Desde o nascimento, brasileiros são ensinados de que “a Amazônia é nossa”. Mas o governo deles nunca foi capaz de exercer efetivamente a soberania na região que, em qualquer caso, continua sendo um mistério exótico para a maioria dos brasileiros (...)
(ROHTER, 2002)

Empregando o conector “mas”, o autor constrói oposição que sugere que os brasileiros não têm o direito à Amazônia por conta do descuido de seu governo

para com a região. A seguir, ele novamente apela para o exotismo. Ao alegar que a Amazônia continua sendo um “mistério exótico” para os brasileiros, ele atribui também a estes a visão de que a Amazônia é estranha e exótica - a mesma visão que ele, anteriormente, atribuiu ao território através de um olhar estrangeiro, compartilhado pelo leitor.

Dessa forma, agora, brasileiros e estrangeiros estão na mesma situação considerando-se o conhecimento da Amazônia. É como se esses dois públicos tivessem a mesma visão do território apresentado.

Ainda no mesmo parágrafo o autor segue intensificando uma suposta ignorância de todo o povo brasileiro em relação à Amazônia.

(...) O resultado é uma paranóia nacional: uma convicção de que os estrangeiros – especialmente os Estados Unidos, com a sua história de inspeção na América Latina – invejam a posse brasileira da maior floresta tropical do mundo e a quer para eles. (ROHTER, 2002)

Ao usar o termo “paranóia nacional”, o autor aviva ainda mais a imagem de ignorância dos brasileiros, ressaltando a pouca credibilidade que deve ser dada a eles.

Finalmente, no quarto parágrafo da matéria, o autor explica a história do falso mapa. Até então, seu texto serviu apenas para reforçar uma imagem de incredulidade atribuída a todo povo brasileiro. Além disso, o autor argumenta que o governo do país não se preocupa com a Amazônia, e que os brasileiros são ensinados desde cedo que a Amazônia é nossa. Essas informações são apresentadas sem nenhuma base em fontes, referências ou até mesmo explicações que comprovem o que foi afirmado.

O autor prossegue explicando que as suspeitas de que os Estados Unidos querem tomar a Amazônia do Brasil estão relacionadas ao mapa que surgiu na Internet. Mas ele também aproveita para criticar os meios de comunicação

brasileiros dizendo que o mapa “foi rapidamente aceito como real pelos jornais e radialistas de *talk shows*.”

No parágrafo seguinte, o autor continua explicando o mal-entendido. Ele argumenta: “Ainda que o texto seja claramente uma falsificação (é cheio de erros gramaticais e ortográficos que nenhum nativo falante de inglês poderia cometer), a controvérsia continua.” No trecho apresentado o autor considera a informação do mapa de acordo com o seu ponto de vista e de seu povo, ou seja, alguém que tem o idioma inglês como primeira língua. O texto, assim, pode ser “claramente uma falsificação” para ele e seus leitores, mas não para todo o povo brasileiro, ao qual o falso mapa foi apresentado.

Rohter cita um professor de ensino médio que confirma a preocupação brasileira em relação à posse da Amazônia. Logo depois, ele utiliza a fala de um editor do jornal *Agenda Amazônica*, reforçando o argumento de que “os sulistas não conhecem a Amazônia e desdenham a região e seu povo.”

Rohter continua explicando a importância da riqueza Amazônica “vista do sul”. Ele desqualifica o argumento de que os Estados Unidos queiram tomar posse da região dizendo que “poucos projetos foram empreendidos na região” porque “os custos de operação na Amazônia são muito altos e a infra-estrutura muito fraca.”

Ao contar a história sobre Henry Wickham, naturalista britânico que levou sementes de seringueiras para a Malásia, Rohter escreve que ele é considerado “um dos grandes vilões da história do Brasil” e “O que os brasileiros **ainda não conseguem chegar a admitir** é que Wickman obteve permissão legal para exportar sementes.” Essa frase salienta novamente, uma suposta incapacidade dos brasileiros de pensar racionalmente e entender situações, com destaque para o termo grifado acima.

Ele segue explicando que o sistema de produção de borracha no Brasil era ineficiente em relação a outros países, de acordo com livros de história brasileiros.

Após as descrições, Rohter reporta que o Brasil “está repleto de rumores” de que o Instituto de Câncer de Washington está explorando a região amazônica clandestinamente para roubar plantas. Ele completa “(O instituto desmente essas lendas)”. Ao fechar a explicação com este comentário entre parênteses ele inclui um explanação curta que sugere que não é necessário mais do que isso para certificar de que a informação dos brasileiros é equivocada. Novamente, ele enfatiza a imagem de pouca credibilidade em relação ao Brasil na utilização da palavra “lendas” e com o pouco cuidado em explicar e comentar o que o Instituto de Câncer de Washington havia respondido sobre o tema.

O parágrafo seguinte possui elementos que reforçam a atmosfera irracional e fantástica atribuída ao Brasil, além de destacar a opinião do autor, como os grifados:

Essa **construção de mito** ajuda a explicar a aceitação generalizada do notório mapa. Ele parece ter originado em um *website*, operado por um grupo nacionalista militar de direita, mas a esquerda brasileira também mostrou uma inclinação pela **fantasia amazônica**. (ROHTER, 2002)

No parágrafo seguinte, o autor explica os rumores que circulam no Brasil e cita “grupos de esquerda”, lhes atribui falas, mas persiste no boato, sem consultar fontes que poderiam confirmar e ancorar seus argumentos:

No momento, a teoria favorita tem haver com o Plano Colômbia, o esforço americano para sustentar a luta colombiana contra os traficantes de droga e contra as guerrilhas marxistas. Grupos de esquerda daqui dizem que o real objetivo é dar apoio aos Estados Unidos, o que permitiria a este apoderar-se da Amazônia brasileira e então comandar o flanco sulista do presidente esquerdista da Venezuela, Hugo Chávez. (ROHTER, 2002)

Além disso, Rohter explica os supostos benefícios do programa Sivam, de acordo com o seu próprio juízo de valor, descartando explicações objetivas em detrimento de sua própria opinião:

Além disso, existe o Sivam, um sistema de radar da Amazônia de 1,5 bilhões de dólares que está sendo instalado por uma empresa americana. No entanto, o projeto vai aumentar a soberania brasileira na região, permitindo-o rastrear e interceptar aviões contrabandeando drogas, armas e ouro, muitos aqui têm a certeza de que o propósito real é permitir aos Estados Unidos colher informações pelo satélite sobre petróleo e fontes minerais que quer explorar. (ROHTER, 2002)

Ao final da matéria, Rohter explica que “sem dúvida” as acusações são espalhadas no Brasil por conta das eleições presidenciais, quando “apelos para defender a Amazônia sempre agradam as multidões.”

Ele termina dizendo que “Infelizmente para os americanos, provavelmente existe pouco que possa ser feito para convencer os brasileiros de que esses relatos, simplesmente, não são verdadeiros”, como se fosse impossível levar os brasileiros a entender informações racionais:

(...) a Amazônia tem esse nome por causa de uma ilusão: os primeiros europeus que a visitaram, acharam que tinham visto uma guerreira de um seio, como as da mitologia grega, nas costas de um cavalo, ao lado de uma ladeira do rio. “A Amazônia sempre foi uma terra fértil para fábulas, o que a torna um lugar proeminente no inconsciente coletivo do país”, disse ele. “Pessoas criam fantasmas e não há benefícios em refutá-los.” (ROHTER, 2002)

A segunda reportagem analisada é “Nosso correspondente no Rio; A alma da cidade esconde-se além do túnel”. Já percebemos a inclusão do autor como personagem no título da matéria. A partir deste, o jornal inclui seu correspondente na história – uma forma de dar credibilidade tanto ao veículo de informação como à própria informação que será apresentada.

A matéria é de Março de 2002 e tem o estilo de um diário. No texto, o correspondente comenta suas experiências e impressões do Rio de Janeiro, desde

que chegou ao local. A reportagem, portanto, permite-nos analisar a interpretação da cultura brasileira aos olhos de um estrangeiro, já que é esse o tema explícito do texto:

Rio de Janeiro foi a primeira cidade que **eu** visitei fora dos Estados Unidos, a quase 30 anos atrás, e desde o início ela **me pareceu** ser não uma só cidade mas duas. Primeiro, existem as praias e as paisagens conhecidas pelos cartões postais, filmes e canções: Copacabana, Ipanema e Pão de Açúcar – a oficial, aclamada Rio visível a partir dos pés da gigante estátua do Cristo no topo da montanha Corcovado. Mas apenas um pouco para a esquerda dessa posição estratégica, escondida em clara visão, existe outra cidade bem diferente, conhecida pelas pessoas como “além do túnel,” referindo-se ao túnel Rebouças que corta o Corcovado e divide o Rio em zonas norte e sul. Ela está lá, em grandes vizinhanças ignoradas como Vila Isabel e Tijuca, que **eu** considero a essência característica do Rio, [onde] a sua verdadeira alma, pode ser encontrada. (ROHTER, 2002)

A partir daí o autor irá descrever a “essência característica do Rio” de acordo com a sua classificação. Portanto, ele irá selecionar elementos de destaque na cidade que chamariam também a atenção dos leitores ou daqueles que compartilham de sua cultura.

Ele descreve sua experiência no Rio com a qual apresenta também um pouco de si mesmo e de sua própria história:

Eu não tenho nada contra a Zona Sul, como você possa pensar. Eu vivi em Ipanema e no Leblon. E um ano atrás, minha esposa, Clotilde e eu nos mudamos para uma casa em São Conrado com uma vista tentadora do oceano. (ROHTER, 2002)

Logo depois, ele começa descrevendo o Rio e sua cultura de acordo com suas próprias impressões:

Mas existe uma expressão em Português para descrever alguma coisa feita para mostrar ou para causar uma boa impressão: “é coisa para inglês ver.” Muito comumente a Zona Sul parece um lugar como esse, cheio de brasileiros determinados a fazer você saber que eles estão familiarizados a atual tendência intelectual ou da moda em Londres, Nova Iorque, Paris e Milão. Além do túnel essas coisas não são importantes. Já que os moradores da Zona Norte

não vêem muito os estrangeiros, eles não estão preocupados em causar a impressão certa. Como resultado, eles parecem mais confortáveis nas suas próprias peles e é mais fácil flagrá-los agindo como Cariocas: cordiais, gregários, impulsivos e jocosos, suas emoções perto da superfície. (ROHTER, 2002)

Esta reportagem que estamos analisando tem um estilo e perspectiva de abordagem diferente da anterior. Agora, o autor assume seu papel de personagem e, desde o início, fica claro que o Rio é descrito de acordo com a sua interpretação. Tanto que o texto segue narrativo e descritivo, sem uso de fontes, com o verbo na primeira pessoa: “me pareceu”, “eu considero”, “eu não tenho nada contra”, “eu vivi”, “eu sempre gostei”, “eu compreendi”, “eu gosto”.

Rohter também descreve costumes da vida carioca, os quais nos parecem comuns, mas que para ele chamam a atenção e merecem ser relatados. A cada costume citado, o autor explica com adjetivos e descrições para que o leitor consiga entender e até mesmo visualizar a cena:

Mais longe ao norte, logo atravessando os trilhos da linha de trem Central do Brasil, fica São Cristóvão, outro tipo de enclave estranha à imagem sofisticada do Rio. Desde os anos 50, esse é o lugar onde os migrantes do nordeste brasileiro tomado por pobreza reúnem-se aos domingos para vender e comercializar ferramentas e remédios, ou para dançar forró, a música alta da sua região nativa tocada pelo acordeom, debaixo de abafados toldos de lona. (...) Aqui, também, é a casa do estádio do time de futebol campeão Vasco da Gama, adornado com ladrilhos portugueses, azul e branco, e oferecendo a chance de participar de um jogo num cenário mais íntimo que aquele perto do Maracanã, o maior estádio de futebol do mundo. (ROHTER, 2002)

Ao mencionar sua esposa, seus amigos, os cariocas da Zona Norte, os casais que vão namorar na Tijuca, entre outros elementos, Rohter também constrói todo um enredo com personagens – figuras típicas do Rio -- a partir da sua própria visão:

Eu gosto da Zona Norte também por suas várias praças, das quais o modelo é a Praça Saens Peña na Tijuca, o último ponto da principal

linha de metrô. A meia dúzia de cinemas que costumava ser a principal atração desapareceu nos anos recentes, deixados de lado nos negócios em troca das extravagantes salas de cinema na Barra da Tijuca. Mas casais ainda vêm aqui para namorar e ainda podem comprar cocadas, churros ou espiga de milho dos vendedores, ou ter seu retrato tirado por um fotógrafo itinerante usando volumosas câmeras antigas num tripé. (ROHTER, 2002)

E ele segue destacando aspectos da vida carioca que lhe parecem diferentes e interessantes. Ao descrever a feira livre ele utiliza de termos como “exótico” para o que lhe parece estranho:

Uma das mais agradáveis características da vida no Rio é a feira livre, mercados de rua móveis que oferecem frutas e vegetais com nomes exóticos e doces, como maracujá, chuchu, jiló e abóbora, assim como os melhores abacaxis do mundo, como jura minha esposa. Nas extremidades da feira existem estandes vendendo plantas medicinais ou poções usadas na macumba, a prima brasileira do caribenho vodu e Santería. (ROHTER, 2002)

Rohter também descreve hábitos da cultura carioca que passariam despercebidos por um nativo do Rio de Janeiro. No trecho abaixo, observamos características destacadas pelo correspondente, as quais, provavelmente não apareceriam numa matéria feita por brasileiros para brasileiros:

Na Zona Sul, a dona da casa geralmente manda a sua empregada ou cozinheira para ir ao mercado. Mas, além do túnel, a própria dona de casa é mais propícia a fazer as compras, e você pode ouvir a bem-humorada e brincalhona [conversa] entre o vendedor e o cliente enquanto eles pechinçam. Muitos dos vendedores são imigrantes portugueses os quais o rápido e quase gutural sotaque contrasta claramente com a fluente e melodiosa fala dos cariocas. (ROHTER, 2002)

O texto termina com um comentário do autor que é também um desabafo em relação às mudanças do Rio de Janeiro. Enfim, o trecho lembra um diário de viagem:

No entanto, eu me descobri, constantemente, pensando por quanto tempo essa dualidade, que parece uma parte essencial do caráter do Rio, pode durar. A maior parte do crescimento da cidade nos anos recentes foi para o oeste em direção à Barra da Tijuca, uma tendência que diminui a tradicional distinção entre norte e sul. A única consolação para alguém como eu é esta: quanto mais a

cidade como um todo muda, menor a pressão na minha favorita antiga vizinhança para mudar com ela. (ROHTER, 2002)

Rio de Janeiro também é o cenário da reportagem “Diário do Rio de Janeiro; Praias para esbeltos, onde as calorias são mostradas”. Nesse artigo, Rohter fala sobre uma “epidemia de obesidade” que estaria atingindo o Brasil. Ele aproveita para falar sobre o programa Fome Zero e questionar sua pertinência.

O autor começa o texto com uma pergunta, que se apresenta como algo duvidável, e ao mesmo tempo faz uma crítica:

Brasileiros gordos? Numa sociedade consciente do corpo, cujos presentes para a cultura global incluem desde a garota de Ipanema, o biquíni de tanga à Gisele Bündchen e outras super-modelos, a idéia parece heresia. No entanto, um controverso estudo governamental divulgado no final do mês passado confirma: o Brasil está experimentando uma epidemia de obesidade. (ROHTER, 2005)

Ele segue explicando a origem do estudo e as informações principais sobre esse:

De acordo com a pesquisa, conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e realizada assim que o verão chegou e as pessoas começaram a afluir para as praias em pouca roupa, mais de 40 por cento da população brasileira adulta está além do peso. Além de tudo, 1 adulto em 10, ou mais de 10 milhões de pessoas são obesas para os padrões internacionais, comparados aos pouco mais de quatro milhões que estimava-se ser desnutridos. (ROHTER, 2005)

Em seguida, o autor cita o presidente Lula introduzindo o programa Fome Zero, ao mesmo tempo em que contesta a real necessidade de um programa de combate à fome no Brasil:

Presidente Luiz Inácio Lula da Silva imediatamente contestou os resultados. Desde que assumiu o governo há dois anos, completados neste mês, o partido dos trabalhadores de inclinação de esquerda que ele lidera sempre manteve a fome, não a obesidade, como o principal problema social do Brasil e, como resultado, fez do programa Fome Zero a ação principal da agenda de saúde e bem-estar público. (ROHTER, 2005)

No parágrafo seguinte, o autor usa uma fala do presidente Lula para justificar as afirmações feitas no trecho anterior, dando credibilidade à informação: “Fome não é algo para ser medido por pesquisa”, afirmou Sr. da Silva. ‘Não são todos que querem reconhecer que estão passando fome. Eles estão envergonhados.’”

Rohter explica os motivos pelos quais o Brasil estaria passando por uma epidemia de obesidade de acordo com as “particularidades brasileiras.” Ele escreve que os brasileiros têm um gosto pronunciado pelo açúcar:

Os brasileiros têm, por exemplo, um gosto pronunciado pelo açúcar, **talvez** natural num país que é o maior exportador de açúcar do mundo. As pessoas, rotineiramente, colocam açúcar nas frutas naturalmente doces como abacaxi ou mamão, e às vezes, parece que metade da massa do cafezinho, o café expresso consumido em todos os lugares do país, é açúcar, e não líquido. (ROHTER, 2005)

O uso da palavra “talvez” implica uma dúvida. Portanto o autor não poderia ter se expressado dessa maneira já que está tratando de sua própria opinião, de uma informação não comprovada. Em seguida ele afirma que “as pessoas, rotineiramente, colocam açúcar nas frutas naturalmente doces...”. Assim, ele generaliza um hábito que, na realidade, não é tão comum no país.

Mas, em seguida, o alto consumo de açúcar no Brasil é confirmado pela fonte:

“Brasil e Estados Unidos são os países que têm os mais altos níveis de consumo de açúcar no mundo, responsáveis por aproximadamente 19 por cento das calorias”, disse Carlos Augusto Monteiro, um nutricionista na Universidade de São Paulo que foi um consultor para o estudo do governo. “O consumo de refrigerantes, por exemplo, cresceu 400 por cento nos últimos 30 anos, e nós acreditamos que isso possa ser uma peça importante no crescimento da obesidade no Brasil.” (ROHTER, 2005)

Rohter acrescenta que um dos motivos da obesidade brasileira tem haver com a nossa dieta que, segundo ele “é extraordinariamente pesada em amidos e outros carboidratos”:

Um típico prato de almoço, especialmente no campo e em vizinhanças pobres, contém não somente pequenos pedaços de carne e feijão como proteína, mas também arroz, batatas, massa, pão e mandioca. (ROHTER, 2005)

Com a fartura descrita pelo autor no trecho apresentado acima, subentende-se que não existe fome no Brasil e que todas as famílias pobres têm abundância em suas refeições.

O sedentarismo é apontado como mais um motivo para a obesidade brasileira. Rohter explica que “assim como as pessoas em países mais economicamente desenvolvidos, os brasileiros também levam uma vida mais sedentária” devido ao aumento da população nas áreas urbanas que, segundo ele, “resultou num mercado menor em atividade física.”

A seguir, o autor relaciona a obesidade brasileira à cultura. Segundo ele:

As noções brasileiras do que é considerado bonito e sexy podem também ser um fator no encorajamento da fofura. Tradicionalmente, a forma feminina idealizada aqui sempre foi o “corpo de violão”, uma mulher com busto e cintura delgados e um amplo traseiro.

“O homem americano pode focar nos seios, mas o homem brasileiro sempre quis alguma coisa para pegar”, disse Constanza Pascolato, uma das principais comentaristas do país em assuntos de estética, moda e beleza. “Sempre foi dito às mulheres, ‘Você tem que comer ou então você vai parecer um palito’ e foram encorajadas a serem ‘carnudas’”. (ROHTER, 2005)

A situação apresentada sugere que as mulheres buscam estar acima do peso para agradar aos homens. Mas ele explica logo em seguida, diferenciando os costumes entre brasileiros pobres e ricos:

Enquanto essa preferência ainda pareça ser forte, especialmente em áreas rurais e entre os pobres, as classes média alta e alta parecem ter sucumbido às preferências globais de magreza. Dr. Monteiro ressaltou que em São Paulo existem agora clínicas para tratar a anorexia e a bulimia, problemas que quase não existiam há 30 anos, mas que estão aparecendo agora por causa das “mensagens misturadas que estão sendo enviadas” através da mídia sobre tipos de corpo desejados. (ROHTER, 2005)

Em seguida ele explica um outro motivo pelo qual seria difícil aos mais pobres manterem seu peso. Segundo ele, esses não têm dinheiro para explorar “outras opções”, em seguida ele usa uma fonte para explicar o que ele afirmou:

“Eu certamente não posso pagar para ir à academia, e ainda que eu saiba que vegetais são bons para mim, eles são muito caros”, ele reclamou, “Minha filha de 5 anos de idade está além do peso também, e mesmo depois que o médico a receitou uma dieta no mês passado, tem sido difícil fazê-la comer coisas como salada.” (ROHTER, 2005)

Rohter termina o artigo citando o presidente Lula e a sua “incapacidade (...) em aceitar o estudo.” O autor atribui a justificativa a “alguns comentaristas brasileiros”, se esquivando da responsabilidade do comentário reportado:

Alguns comentaristas aqui sugeriram que a incapacidade do senhor da Silva em aceitar o estudo pode originar-se, em parte, da sua história pessoal. Como ele nunca deixa de lembrar aos brasileiros e aos líderes estrangeiros que encontra, ele mesmo experimentou a fome quando criança pobre camponesa e pode lembrar vivamente a sensação de ir para a cama com o estômago vazio. Hoje, no entanto, o senhor da Silva é um desses brasileiros que luta para manter seu peso sob controle. Com uma mistura de simpatia e divertimento, a imprensa nacional ironizou os seus esforços para limitar o seu consumo de churrasco, cerveja e buchada, um gorduroso prato de tripa nativo da sua região que é banida pelos nutricionistas. (ROHTER, 2005)

Nesse último texto analisado é interessante observar as explicações do correspondente sobre elementos da cultura brasileira que não são conhecidos por seus leitores, como no caso da buchada de bode, por exemplo. Mas o que fica claro na reportagem é a sua crítica ao presidente Lula, ainda que esta seja atribuída aos comentaristas brasileiros:

“A verdade é que a fome de Lula ainda não acabou”, especulou recentemente o colunista Arnaldo Bloch no [jornal] diário do Rio, O Globo. “Quanto mais o presidente come e bebe e come e bebe, a fome e a sede continuam. É uma fome e sede que são ancestrais, que retornam a atacar diariamente”, e que ele, como outros que já foram pobres, “nunca irão superar.” (ROHTER, 2005)

Para terminar nosso estudo de caso iremos analisar outra reportagem sobre natureza brasileira. Mais uma vez, trata-se de uma matéria de turismo, esta publicada em 7 de Novembro de 2004, no caderno *Travel* do *New York Times*. Na ocasião o jornal também publicou outras matérias de turismo sobre o Brasil, realizadas por outros correspondentes. “Equatorial, selvagem e muito curiosa” trata da Ilha do Marajó e, basicamente descreve a natureza e potencial turístico do lugar.

Mais uma vez, o título denota o exotismo da região. O *bigode* da matéria é simples, curto e explicativo – o que, de certa forma, reduz a complexidade natural de Marajó e resume o que todo o texto irá tratar. As poucas informações apresentadas chamam a atenção do leitor e destacam a unicidade característica da ilha:

Marajó, uma ilha tão grande quanto a Suíça, tem ranchos, estranha vida selvagem e saborosa carne de búfalo. (ROHTER, 2004)

Em seguida, Rohter começa a reportagem destacando a visão da Ilha de Marajó segundo os brasileiros:

Mesmo para os brasileiros, que não deixaram praticamente nenhum esconderijo no seu vasto país sem ser explorado, a Ilha de Marajó, na desembocadura do Rio Amazonas, parece um destino distante e exótico. (ROHTER, 2004)

Como podemos notar, a palavra “exótico” é recorrente em todos os artigos de Rohter. Há sempre algo no Brasil, que segundo ele, é exótico. Portanto, podemos entender que essa também é a impressão dos seus leitores sobre o Brasil. Ele prossegue, descrevendo os elementos naturais da ilha complementando com informações que destacam o exotismo do local:

Do tamanho da Suíça, Marajó está repleta de vida selvagem, selvas, praias, lagoas, manguezais e planícies alagadas, mas possui poucos habitantes humanos permanentes e é permeada com um sentimento de “fim do mundo”. Portanto, não é de se admirar que “No Limite” – o *reality show* brasileiro equivalente ao show *Survivor* – foi uma vez gravado em Marajó. (ROHTER, 2004)

Em seguida, ele destaca a Ilha de Marajó segundo o interesse de “aventureiros e curiosos”. Na verdade, não houve diferenciação ao caracterizar a Ilha de acordo com o seu olhar, com o olhar de brasileiros e com o olhar de aventureiros. As características apresentadas em cada parágrafo ressaltam os mesmos aspectos, referentes ao estranhamento e exotismo da ilha:

Para os aventureiros ou curiosos, entretanto, Marajó e o grupo de ilhas menores que a cercam têm um apelo quase irresistível. Raramente, a natureza em toda sua majestade intimidante pareceu tão perto das mãos: dois gigantes corpos de água, o Oceano Atlântico e o Rio Amazonas, se confrontam mutuamente nas margens, e juntos formam a vida humana no mar num outro tipo de batalha, contra a exuberância abafada dos trópicos. (ROHTER, 2004)

Rohter segue dissertando sobre as facilidades turísticas da área. Ele relata uma melhora na estrutura para receber os visitantes, comparando com sua visita anterior à região. Ao falar sobre acomodações na ilha, Rohter destaca elementos que atrairiam turistas de seu país como o ar condicionado e o *drink* gelado. Ao mencionar esses elementos subentende-se que são culturalmente relacionados com conforto e, portanto, importantes aos leitores:

(...) Sim, é difícil obter luxo, mas em três viagens durante os últimos cinco anos, o que mais me impressionou é como o arquipélago está bem mais receptivo aos visitantes do que na época da minha primeira e rápida passagem por lá, em 1978. Com a construção de alguns hotéis nos anos recentes, é possível tirar proveito das selvas e depois retornar para o conforto de um quarto com ar-condicionado e um *drink* gelado. (ROHTER, 2004)

No sexto parágrafo, o autor se inclui, explicitamente, na reportagem através da utilização do pronome em primeira pessoa. Mais uma vez o autor é personagem e a credibilidade das informações é atribuída às suas impressões do local:

É exatamente essa a rotina que eu segui na minha mais recente visita, em Outubro. Depois de passear por uma praia isolada, onde ondas lambiam as areias brancas, eu retornava para o meu hotel, a

Ilha do Marajó, e relaxava na beira da piscina ou jogava tênis de mesa. Depois que a maré mudava, eu retornava ao mesmo local na praia, somente para verificar o resultado da eterna batalha por supremacia entre o Amazonas e o Atlântico, o que mais cedo era água salgada, era então água fresca, ou vice-versa. (ROHTER, 2004)

A reportagem é então como uma história que vai sendo contada por um amigo após uma viagem. Nela ele explica suas experiências e aventuras, descreve ambientes desconhecidos como também dá dicas de acomodação e visitação:

Para os que têm tempo e dinheiro, existe também a possibilidade de alugar um barco através de uma agência de viagens e tentar alcançar a pororoca, a onda final do Amazonas. Um fenômeno mensal relacionado com os ciclos da lua, a pororoca desenvolve-se quando a maré do Oceano Atlântico avança para dentro da bacia do rio e cria uma gigante eleva o que flui rio acima por diversas centenas de milhas a velocidades de 20 milhas por hora ou mais. Pororocas ocorrem em canais de rios em todo Amazonas oriental, mas algumas das ondas mais espetaculares, 10 p s (mais de 3 metros) de altura ou aproximadamente, ocorrem perto da margem norte de Marajó - como as pessoas do local, forçadas a confiar em canoas ao contrário de barcos motorizados conhecem todas muito bem. (ROHTER, 2004)

Rohter ainda dá outras informaçoes para os que desejam visitar a ilha, essas dicas são o resultante de sua própria experiência e dão credibilidade ao que é reportado, e ao jornal que veicula a informa o:

(...) Os principais hotéis estão lá localizados, morro abaixo ao longo da frente do rio ou da baía, e muitas das fazendas que oferecem alojamento para os turistas e um olhar rápido da vida áspera dos vaqueiros de Marajó também estão perto, a menos de meia hora de carro (...) A experiência no campo é uma parte essencial para qualquer visitante de Marajó, e o mais confortável dos ambientes rurais disponíveis para os visitantes é o Marajó Park Resort Hotel, que   na verdade na Ilha de Mexiana, ao norte da ilha principal, do outro lado de um canal estreito. (...) Excursões ecológicas dos hotéis são lideradas por caboclos informados, ou por moradores nativos do rio (...)(ROHTER, 2004)

A linguagem que o correspondente usa, aproxima o leitor da situa o e do momento apresentado. Como se trata de um artigo no qual o correspondente   também a principal fonte de informa o, não existe limites para o uso de adjetivos e

descrições subjetivas. O correspondente vai assim, construindo a história que está sendo contada:

Iguanas de 4 pés (1.22 metros) de comprimento correram através das ruas de laterita enquanto meu colega convidado e eu nos aproximamos num jipe. (...) E quando nós paramos num canal para jogar a rede, nós quase imediatamente pescamos vários pirarucus adultos, uma espécie de robalo gigante que cresce até oito pés e pesa, tipicamente, mais que 200 libras (90.72 KG). E isso não é história de pescador. (...) Uma vez, eu estava numa canoa com o nosso guia Raimundo, que me advertiu para não cair na água, repleta de arraias, lampreias e enguias elétricas. Retornando à terra firme, nós primeiramente vimos manadas de javalis, pôneis de Marajó e capivaras, as grandes roedoras de calda curta e semi-aquáticas nativas da Amazônia, e depois [vimos] uma tropa de macacos-esquilo gritando para nós das árvores. (...) Minha única reclamação sobre o museu é que é necessária uma viagem de mais de uma hora através da selva numa estrada suja, com ocasionais atrasos, esperando nas beiras dos rios por uma balsa. (ROHTER, 2004)

O autor destaca ainda muitas características da ilha que chamam a sua atenção, descrevendo-as com certo entusiasmo:

Nós também pudemos distinguir animais fazendo ruídos nos bosques próximos, e considerando que nós estávamos numa área conhecida como habitat de leopardos, foi divertido pensar que eram eles que nós estávamos ouvindo. (...) A maioria dos membros do meu grupo eram turistas franceses e recém-chegados na Amazônia, e deles fluíam superlativos; “*C’est magnifique! Fantastique! Incroyable! Vraiment, c’est lê top!*” era o que eu ouvi repetidamente enquanto as câmeras clicavam. (...) Eu não pude discordar: Em 26 anos de viagens pela região da Amazônia, eu nunca tinha visto tanta vida selvagem em um único lugar (...)(ROHTER, 2004)

Ele prossegue destacando aspectos da ilha que lhe parecem diferentes.

Essa seleção do que será contado na história ajuda-nos a perceber o que chamaria a atenção do leitor:

Mas a assinatura animal de Marajó, ao contrário do que possa parecer, é o búfalo d’água, que teria chegado acidentalmente da Indochina francesa nos anos vinte (...) A ilha, de fato, tem hoje quatro vezes mais búfalos que pessoas – 600.000 versus 140. 000 – e a presença animal permeia a vida na ilha. (...) A polícia local, por exemplo, patrulha com búfalos d’água ao invés de cavalos, e visitantes em qualquer fazenda também podem montar as bestas que, ao contrário de sua aparência feroz, são dóceis (...) eles

também passeiam pelas ruas de Salvaterra e Soure e aparecem nos cardápios dos restaurantes como uma guloseima local. (ROHTER, 2004)

A reportagem é uma série de eventos que descrevem características totalmente estranhas ao leitor das matérias. Portanto, tratando-se de um texto de um caderno de turismo, nada mais comum que descrever o ambiente, o modo de vida, acomodações como também a alimentação da região:

Carne de búfalo pode não soar, particularmente, apetitosa, mas passou a ser considerada magra e tem, de acordo com boletim do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, “40 por cento a menos de colesterol, 55 por cento a menos de calorias, 11 por cento a mais de proteína, e 10 por cento a mais de minerais” que o bife de boi. Queijo de búfalo, outro favorito de Marajó, também provou ser mais saboroso do que eu poderia imaginar. Os dois são combinados num prato conhecido como filé de Marajó, com queijo derretido no topo de um bife de carne de búfalo, mas restaurantes locais também servem muito peixe (especialmente robalo e peixe-gato) e caranguejo. (ROHTER, 2004)

Em seguida, Rohter destaca mais um ponto turístico da região. No trecho abaixo, ele vai dando sua opinião enquanto descreve o museu:

Existem exposições focando as lendas e folclores da Amazônia (com lendas, infelizmente, só em Português) e uma coleção de animais empalhados, incluindo preguiças, papagaios, coatis, tamanduás e tatus. (...) Mas a exposição de olaria é notável e variada. Ela inclui um tipo de urna funeral grande conhecida como igaçaba, os índios a usavam num processo referido pelos arqueólogos como “enterro secundário”. Isso significa que dentro de cada urna existe um vaso menor contendo os ossos do falecido e um objeto associado com ele ou com ela: uma boneca para a criança, por exemplo, ou um machado para o homem. (ROHTER, 2004)

Rohter termina o texto contando mais uma de suas experiências em Marajó, como quem escreve num diário de viagens. Ele relata a história na perspectiva de sua cultura ao mencionar a distância da Ilha de Marajó do Rio de Janeiro e de Miami. Rohter comenta sobre o tempo de vôo, como se a Ilha não estivesse tão longe de grandes cidades:

Enquanto meu táxi tomava o seu caminho através da viçosa floresta tropical na estrada de volta para Soure, me ocorreu que Miami estava a pouco mais de cinco horas de voo, e que o Rio de Janeiro estava há menos de quatro horas de distância. Meu motorista, *seu* João, disse que ele nunca tinha ido a nenhum dos dois lugares e quis saber se a vida nesses locais é, em algum aspecto, similar à Marajó. “Não”, eu respondi. “Não existe nenhum lugar no mundo como Marajó.” (ROHTER, 2004)

Em seguida, existe um outro pequeno trecho com o título “Fora do caminho e fora do comum”. Neste, Rohter destaca as opções para visitar Marajó e informa sobre preços e a melhor maneira de chegar até lá:

Você pode chegar a Marajó por ar ou mar, e entre essas duas opções, viajar de barco é, definitivamente, mais interessante e proveitoso (...) Uma balsa de dois andares sai de Belém, uma cidade com 1,5 milhões de habitantes do outro lado da baía, todas as manhãs por volta das 7, e a viagem de três horas a mais através do Marajó oferece uma rara oportunidade para observar os pescadores e forasteiros, os quais se utilizam de um precário modo de vida do rio e da selva. (ROHTER, 2004)

Logo depois, a reportagem traz pequenas seções: “como chegar”, “onde comer”, onde visitar”, próprias de um guia de viagens.

Nesta última reportagem, não há prejuízo da informação em detrimento dos comentários do autor. Suas impressões do país são justamente o que atrairiam o leitor a visitar o local que está sendo apresentado. Além disso, a reportagem foi publicada no caderno de viagens e tem o objetivo de levar o leitor a se tornar turista, ainda que somente através da leitura do texto, ainda que não seja possível a ele ir até o local apresentado no artigo – a sua experiência de leitura é também uma experiência viagem.

Em todos os textos analisados é apresentada a imagem do Brasil como local fantástico, exótico e diferente - ainda que esse não seja o principal assunto em todas as reportagens. Nas matérias de turismo, especialmente, existe a constante descrição do Brasil como uma terra pouco comum; nas outras matérias também há

sempre uma recorrência a alguma característica que pode ser descrita como estranha.

A partir das análises apresentadas acima, podemos concluir que a imagem brasileira no exterior nas matérias de Larry Rohter ainda é bastante vinculada ao exotismo e, ainda que essa imagem divulgada no exterior seja motivo de reclamação de alguns brasileiros, de fato, o Brasil se destaca por esses “exotismos” que, inclusive atraem turistas.

Podemos definir o trabalho do autor como jornalismo interpretativo, porém, com uma tendência ao opinativo, considerando-se a valoração que ele atribui aos fatos apresentados.

5.0. CONCLUSÃO

Apesar da diminuição de correspondentes internacionais brasileiros, grande parte das notícias que recebemos diariamente ainda é resultado do trabalho deles - a começar pelos repórteres de televisão que recebem mais audiência e são expostos a todo tipo de público, principalmente os de classe mais baixa.

Ainda que a maioria dos correspondentes internacionais entrevistados neste trabalho não acredite que sua atividade no exterior seja tão diferente daquela dos repórteres atuando em seu próprio país, de fato, o correspondente age mais sozinho. Mesmo que um jornalista no Brasil também deva ficar atento às pautas de sua editoria, no exterior o correspondente não só deve estar alerta aos assuntos de interesse de seu país como também tem maior responsabilidade pelas informações que seleciona e cobre. Afinal, ele muitas vezes, é o único representante do veículo de informação para o qual trabalha no país estrangeiro.

Portanto, a escolha das notícias a serem reportadas bem como a maneira como a reportagem é feita fica muito mais a cargo de uma única pessoa do que no caso das editorias nacionais, quando o repórter trabalha em contato com o editor e com toda a equipe de redação. Além disso, o correspondente deve dar conta de todo tipo de assunto – no exterior ele é a única editoria e único repórter para cobrir política, esporte, cultura e diversos outros assuntos.

Vale mencionar também que o correspondente internacional não tem contato com o seu leitor e, portanto, tem menos acesso às respostas do público e menos informações quanto ao impacto de suas reportagens no país para o qual elas se destinam.

Nesse sentido, a formação do correspondente internacional influencia na maneira como ele cobre o fato. Muito além do conhecimento que ele possa ter sobre um determinado assunto, a sua formação cultural e sua experiência de vida em outros países são fatores que podem facilitar a sua atividade no exterior. Afinal, sua formação cultural irá contar na seleção do assunto a ser tratado, no traquejo e cuidado no contato com fontes de diferentes culturas, na maneira como irá explicar informações desconhecidas ao seu leitor no país de origem, etc.

Para comprovar a informação anterior, foram os correspondentes que vivem a mais tempo no país onde cobrem e constituíram família que se mostraram mais integrados à cultura do país. Foram eles também que disseram não existir tanta diferença entre o trabalho de um jornalista que está em seu país e a atividade do correspondente internacional.

O jornalista do *New York Times*, Larry Rohter também reside no Brasil há bastante tempo, onde constituiu família. No entanto, suas reportagens ainda provocam certa polêmica aqui.

Ao analisarmos as reportagens do correspondente concluímos que ele usa de uma linguagem interpretativa que tende para um texto opinativo em alguns casos. Nas reportagens de turismo, em especial, a opinião do autor dá credibilidade a informação e o seu julgamento pode atrair ou espantar turistas e leitores em relação ao Brasil.

Enfim, não existe uma fórmula para o trabalho do correspondente internacional. Como qualquer jornalista a sua formação cultural também influencia no seu trabalho. Mas no caso do correspondente, a cultura é o diferencial e o que justifica a sua importância. Um olhar atento, uma explicação para os seus leitores, uma observação de uma informação estranha e a interpretação dos fatos irão fazer seu texto mais atrativo e inteligível para o seu leitor.

O trabalho do correspondente internacional, portanto, deve ter um algo a mais: será isto que irá distingui-lo do texto de uma agência de notícias e destacá-lo diante das matérias de outros correspondentes. Seu trabalho deve ser de atenção constante para descobrir assuntos de interesse do leitor, relatá-los de uma forma atrativa e, principalmente, jamais perder a interação e o contato com o seu país de origem. Conservar a visão de seu público no processo de escolha, apuração e

redação da matéria é importante para reconhecer as possíveis necessidades de esclarecimento e curiosidades do leitor em relação ao assunto que está sendo reportado.

“O repórter é os cinco sentidos do leitor – visão, audição, tato, olfato, paladar – você é tudo do leitor”, mencionou o correspondente Iuri Dantas em entrevista, lição essa que aprendeu com a jornalista Eliane Catanhêde e que, “nunca mais saiu da cabeça”, desde quando ele começou a trabalhar como correspondente.

Se o repórter é os cinco sentidos do leitor, no exterior então esses sentidos devem estar ainda mais apurados. O correspondente internacional é o olho de quem não vê, os ouvidos de quem não escuta, o tato de quem não sente, mas também é a boca de quem não fala para se colocar em ação e trabalhar segundo os interesses de seu maior patrão: o leitor.

6.0. REFERÊNCIAS

ARBEX JR., José. *O jornalismo canalha*. São Paulo: Casa Amarela, 2003.

ASSOCIAÇÃO DOS CORRESPONDENTES DE IMPRENSA ESTRANGEIRA NO BRASIL. Disponível em: <<http://www.acie.org.br/sobre.html>> Acessado em 10 mar. 2006.

BRASIL, Antônio. *O fim de uma era*. In: ELHAJJI, Mohamed. (org.) *Jornalismo Internacional – Sistemas Internacionais de Informação*. Rio de Janeiro: ECO – UFRJ, 2005, p. 62-64

----- . *Para que serve um correspondente internacional?* Disponível em <<http://www.comunique-se.com.br/index.asp?p=Conteudo/NewsShow.asp&p2=idnot=25939&Editoria=237&Op2=1&Op3=0&pid=61228533136&fnt=fntnl>>_ Acessado em 9 fev. 2006.

BRAZILIAN EMBASSY IN WASHINGTON. *Falso Mapa do Brasil*. Disponível em: <http://www.brasilemb.org/portugues/falso_amazon.shtml> Acessado em: 5 mar. 2006

CRANE, Diana. *Culture and Globalization*. In: CRANE, D., KAWASHIMA, N., KAWASAKI, Ken'chi. *Global Culture – Media, Arts, Policy and Globalization* Londres: Routledge, 2002, p. 1-24.

DA MATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

----- . *Você tem cultura?* In: *Explorações – ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p.121- 129.

DYAS, Eamon. *William Howard Russel and the Crimean War*. Disponível em: < <http://www.timesonline.co.uk/article/0,,17629-1317949,00.html>> Acessado em: 10 fev. 2006.

GRISWOLD, Wendy. *Cultures and Societies in a Changing World*. Chicago: Sage, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade na Pós- Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A editora, 1999.

HOHENBERG, John. *A grande matéria: Washington, as Nações Unidas, o Mundo*. In: ELHAJJI, Mohamed. (org.) *Jornalismo Internacional – Sistemas Internacionais de Informação*. Rio de Janeiro: ECO – UFRJ, 2005, p. 25-38. Disponível em: http://www.eco.ufrj.br/pet/jorninter/jornalismointernacional_apostila.pdf. Acessado em ago. 2005

LARAIA, Roque de Barros. *Como opera a cultura*. In: *Cultura – um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986, p. 68-115.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e História*. Lisboa: Presença, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P.de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2005.

MATTOS, Sérgio. *Da Criméia à Primeira Guerra*. Disponível em: <http://www.sergiomattos.com.br/liv_crimeia03.html > Acessado em: 10 fev. 2006

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/> > Acessado em 10 fev. 2006

MONTEROS, Guillermo García Espinosa de Los. *Jornalismo internacional, correspondentes e testemunhos sobre o exterior*. Tradução de Pedro Aguiar. In:

ELHAJJI, Mohamed. (org.) *Jornalismo Internacional – Sistemas Internacionais de Informação*. Rio de Janeiro: ECO – UFRJ, 2005, p. 49-54. Disponível em: http://www.eco.ufrj.br/pet/jorninter/jornalismointernacional_apostila.pdf. Acessado em ago. 2005

NATALI, João Batista. *Jornalismo Internacional*. São Paulo: Contexto, 2004.

PARÉS I MAICAS, Manuel. *Consideraciones sobre la identidad cultural*. In: MARQUES DE MELO, José (coord.) *Identidades Culturais Latino Americanas em tempo de Comunicação Global*. São Bernardo do Campo: IMS, 1996, p. 17-20.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é Etnocentrismo?* São Paulo: Brasiliense, 1984.

ROSSI, Clóvis. *A batalha no mundo* In: ELHAJJI, Mohamed. (org.) *Jornalismo Internacional – Sistemas Internacionais de Informação*. Rio de Janeiro: ECO – UFRJ, 2005. p. 12-14. Disponível em: http://www.eco.ufrj.br/pet/jorninter/jornalismointernacional_apostila.pdf. Acessado em ago. 2005.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando@cultura*. Petrópolis: Vozes, 1998.

U.S. CENSUS BUREAU. *The foreign-born population in the United States: 2003*. Disponível em: <<http://www.census.gov/prod/2004pubs/p20-551.pdf> > Acessado em 11 mar. 2006

TALESE, Gay. *O reino e o poder – uma história do New York Times*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

UTZERI, Fritz. *Do outro lado do mundo*. In: ELHAJJI, Mohamed. (org.) *Jornalismo Internacional – Sistemas Internacionais de Informação*. Rio de Janeiro: ECO – UFRJ, 2005, p.55 – 61. Disponível em: http://www.eco.ufrj.br/pet/jorninter/jornalismointernacional_apostila.pdf. Acessado em ago. 2005

WEAVER, Gary R., *American identity movements: a cross-cultural confrontation. Culture, communication and conflict*. Prentice Hall, 2000, p. 60-65.

7.0. ANEXOS

ROHTER, Larry. *Deep in Brazil; a flight of paranoid fancy*. Disponível em:<<http://select.nytimes.com/search/restricted/article?res=F30C12F6385B0C708EDDAF0894DA404482>> Acessado em 10 mar. 2006

------. *Equatorial, wild and most curious. Travel*. The New York Times. Nov. 7, 2004. p 10 - 11.

------. *Our Correspondent in Rio; The city's soul lies beyond the tunnel.*
Disponível em: <<http://travel2.nytimes.com/mem/travel/article.html>> Acessado em:
13 jun. 2005

------. *Rio de Janeiro journal; beaches for the svelte, where the calories are showing.*
Disponível em: <<http://query.nytimes.com/gst/health/article.htm>> Acessado em:
13 abr. 2005